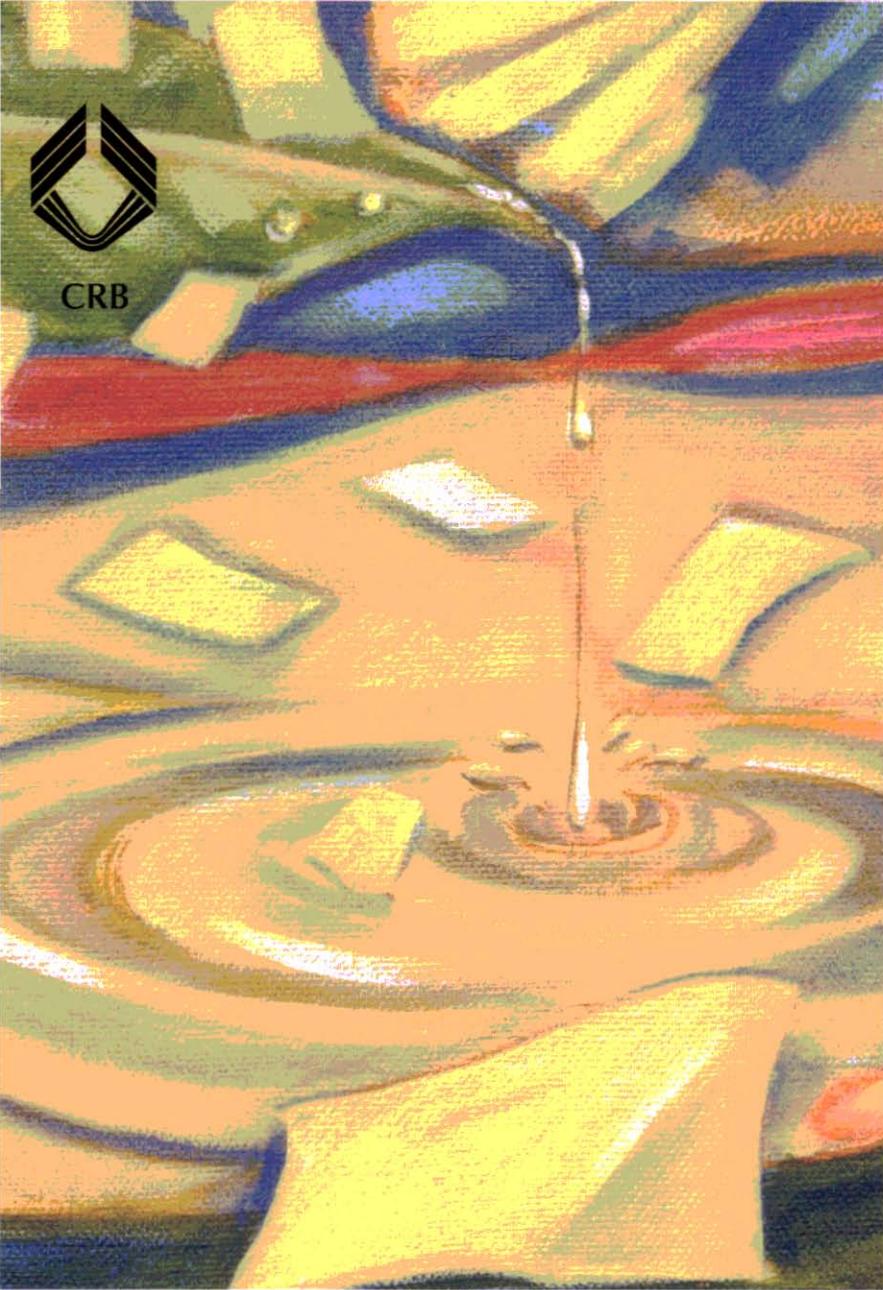




CRB



OUTUBRO 2009 • XLIV • n° 425

CONVERGÊNCIA

- Apelos missionários da Amazônia
- Foram e viram! (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença no processo formativo
- A dinamicidade da identidade na Vida Consagrada
- Dar fundo no poço. Breve reflexão sobre o Religioso Irmão

Editorial

Ousadia profética.....	577
------------------------	-----

Palavra da Igreja

Carta final do XII Intereclesial às Comunidades Eclesiais de Base.....	580
--	-----

Informes

Missão Continental	589
--------------------------	-----

Artigos

Apelos missionários da Amazônia para a Vida Religiosa Consagrada – RICARDO CASTRO	592
--	-----

Foram e viram! (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença no processo formativo – DELIR BRUNELLI.....	607
---	-----

A dinamicidade da identidade na Vida Consagrada – CARMEM LUSSI	626
--	-----

Dar fundo no poço. Breve reflexão sobre o Religioso Irmão – DENILSON MARIANO DA SILVA	642
--	-----

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, mostra um pingo d'água que brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Uma faixa vermelha atravessa o desenho, simbolizando o projeto do Reino que, como sangue, sustenta a vida, e é presença do Espírito Criador e Salvador que impulsiona e sustenta a caminhada da vida religiosa.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenador:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, spf

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitório, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tels.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2009: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (rcais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

A Igreja do Brasil, neste ano de 2009, tem experimentado fortes momentos de autêntica expressão do que significa o protagonismo do Povo de Deus, do qual nos falam diversos documentos da Igreja, com ênfase na missão profética conferida pelo Batismo.

Destacamos dois eventos: o Ano Catequético, que tem provocado em todos os cantos e recantos do país uma mobilização toda particular no intuito de valorizar cada vez mais a missão de mulheres e homens que, gratuitamente, se dispõem a evangelizar; e o XII Intereclesial das CEBs, que, mais uma vez, mostrou o dinamismo da Igreja que vem das Comunidades Eclesiais de Base, que, na interculturalidade, anunciam e vivenciam aquele que está no meio de nós e nos impulsiona a lutar pela vida plena, cujo direito nos é garantido por Jesus.

A Vida Religiosa Consagrada não passa ao largo desses momentos históricos. Tanto na animação de numerosas CEBs quanto da catequese, religiosas e religiosos dedicam suas vidas assumindo os desafios da consagração feita ao Senhor. Nessas expressões de missão deixam claro que a consagração religiosa é o Batismo assumido na radicalidade, sem, no entanto, abrir mão do que é básico e fundamental para vida a cristã.

Uma das características mais importantes do seguimento de Jesus na Vida Religiosa Consagrada é a missão. Seguir Jesus Cristo é tornar-se um anunciador do Reino de Deus, na perspectiva de sua proximidade, de seu potencial transformador, de

seu destino de ser dos pobres e dos que têm um coração de criança, de se tornar justiça e paz já, nas alternativas históricas de um mundo possível.

Este é o primeiro parágrafo do artigo escrito por Padre Ricardo Castro, imc, “Apelos missionários da Amazônia para a Vida Religiosa Consagrada”. É apenas o preâmbulo de um texto que nos remete à realidade do povo amazônico e do quanto necessita da atuação de pessoas comprometidas com os “pequeninos” e “excluídos”, preferidos de Jesus. Após contextualizar a realidade amazônica, Padre Ricardo nos faz confrontar com alguns apelos principais: os apelos da natureza amazônica, os apelos da história – a colonização, os apelos dos povos da Amazônia – indígenas, ribeirinhos e urbanos –, e os apelos da Igreja da Amazônia.

Envolver-se nesse projeto, assumir a causa, só tomando a atitude dos primeiros discípulos em resposta ao “vinde e vede” de Jesus: eles “Foram e viram! (Jo 1,39) – Experiências que fazem diferença no processo formativo”. Citando o versículo de João, Irmã Delir Brunelli nos ajuda a refletir sobre as “experiências que qualificam e dão consistência ao processo formativo”, partindo da pedagogia de Jesus, que, gradualmente, vai introduzindo a pessoa no seu projeto, começando por um singelo convite a *ver*. Para inserir-se numa dinâmica concreta de discipulado, faz-se necessária a tomada de conhecimento. O texto traz algumas pistas que podem ajudar as congregações com poucos iniciantes a “ousar novos caminhos e investir em mudanças qualitativas no processo formativo”.

Num processo de formação que visa a favorecer a realização de sonhos e alimenta esperanças, um aspecto importante não pode ser omitido: a construção da identidade. É do que Carmem Lussi trata ao escrever “A dinamicidade da identidade na Vida Consagrada”. Depois de apresentar posições de alguns autores contemporâneos, a autora sinaliza alguns conflitos que acompanham as mudanças organizacionais e a incidência da memória sobre as diversas manifestações de

identidade. Não há que duvidar que “a dimensão apostólica marca de modo singular a identidade na VR”.

E há, na imensa composição da VR, uma categoria que decidiu resgatar sua identidade, espiritualidade e missão: os religiosos irmãos. Irmão Denílson Mariano da Silva vale-se da imagem do poço como suporte para a reflexão que se dispõe fazer no artigo “Dar fundo no poço. Breve reflexão sobre o Religioso Irmão”, como uma memória do Seminário de Religiosos Irmãos promovido pela CLAR – Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos(as), ocorrido em Lima (Peru), de 19 a 21 de março de 2009. Partindo da pessoa de Jesus e fazendo memória dos primórdios da Vida Religiosa e do que significava, nesse contexto, ser um religioso “não ordenado”, ele vai pontuando características que formam a identidade do Religioso Irmão.

Nestes tempos em que a Igreja na América Latina incentiva o envolvimento dos cristãos na *Missão Continental*, a VRC é convocada a ser testemunho de que a utopia plantada por Jesus, de transformar o mundo no Reino do Pai, é possível e pode ser concretizada através da ousadia profética dos que estão dispostos a defender os bens de Deus, ainda que para isso, como o Filho de Deus, se tenha de entregar a própria vida.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

Carta final do XII Intereclesial às Comunidades Eclesiais de Base Porto Velho, domingo, 26 de julho de 2009

*“Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.
[...] Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados.”
(Mt 5,3.6)*

1. Nós, participantes do XII Intereclesial das CEBs, daqui das margens do rio Madeira, no coração da Amazônia, saudamos com afeto as irmãs e os irmãos de todos os cantos do Brasil e dos demais países do continente que sonham conosco com novos céus e nova terra, num jeito novo de ser Igreja, de atuar em sociedade e de cuidar respeitosa e amorosamente de toda a criação!

2. Fomos convocados de 21 a 25 de julho de 2009, pelo Espírito e pela Igreja-irmã de Porto Velho, Rondônia, para nos debruçar sobre o tema que nos guiou por toda a preparação do Intereclesial em nossas comunidades e regionais: “CEBs: Ecologia e Missão – Do ventre da terra, o grito que vem da Amazônia”.

Acolhendo as delegações e celebrando os povos da Amazônia

3. Encheu-nos de entusiasmo ver chegando, depois de dois, três e até cinco dias de viagem, os delegados, em sua maioria em ônibus fretados, ou ainda em barcos e aviões. Em muitos ônibus vieram acompanhados de seus bispos e encontraram, ao longo do caminho, acolhida festiva e refrigério em paradas nas dioceses de Rondonópolis, Cuiabá e Cáceres, no Mato Grosso; Jataí, em Goiás; Uberlândia, em Minas Gerais; e, entrando em Rondônia, nas comunidades de Vilhena, Pimenta Bueno, Cacoal, Presidente Médici, Ji-Paraná, Ouro Preto e Jaru. Apresentamos carinhoso agradecimento pela fraterna e generosa acolhida de todas as delegações pelas famílias, comunidades e paróquias de Porto Velho e pelo in-

fatigável trabalho e dedicação do secretariado e das equipes de serviço, em que se destacaram tantos jovens.

4. Somos 3.010 delegados, aos quais se somam convidados, equipes de serviço, imprensa e famílias que acolhem os participantes, ultrapassando cinco mil pessoas envolvidas neste Intereclesial. Dos delegados de quase todas as 272 dioceses do Brasil, 2.174 são leigos, sendo 1.234 mulheres e 940 homens; 197 religiosas, 41 religiosos irmãos, 331 presbíteros e 56 bispos, dentre os quais um da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, além de pastores, pastoras e fiéis desta Igreja, da Igreja Metodista, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e da Igreja Unida de Cristo do Japão. O caráter pluriétnico, pluricultural e plurilinguístico de nossa Assembleia encontra-se espelhado no rosto das 38 nações indígenas aqui presentes e no de irmãos e irmãs de nove países da América Latina e do Caribe, de cinco da Europa, de um da África, de outro da Ásia e da América do Norte. Queremos ressaltar a presença marcante da juventude de todo o Brasil por meio de suas várias organizações.

5. “Sejam bem-vindos(as) nesta terra de muitos rios, igarapés e de muitas matas, onde está a Arquidiocese de Porto Velho, que se faz hoje a Casa das Comunidades Eclesiais de Base.” Assim, fomos recebidos, na celebração de abertura, pela equipe da celebração e por Dom Moacyr Grechi, com muita música e canto, ao cair da noite, ao lado dos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, que lembra, para os trabalhadores que a construíram e para os indígenas e migrantes nordestinos, o sofrido ciclo da borracha na Amazônia. Foram evocadas ali e, seguidamente nos dias seguintes, as palavras sábias do provérbio africano: “Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias”.

6. Pelas mãos de representantes dos povos indígenas, dos quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, posseiros e de migrantes do campo e da cidade foram “plantadas”, ao lado do altar, três grandes tochas. Nelas foram acesas milhares de velas dos participantes, cujas luzes se espalharam pelos degraus da esplanada, enquanto ouvíamos o canto do Cristo dos Seringais:

Na densa floresta vai um caminheiro
Cristo seringueiro a seringa a cortar...

Os versos eram entrecortados pelo refrão:

E vem a esperança que surja a bonança,
Não seja explorado o suor na balança.
E vem a esperança que surja a mudança
E o homem refaça com Deus a aliança.

7. Com o apito da sirene da Madeira-Mamoré, o trem das CEBs retomou sua caminhada, reunindo-se, no dia seguinte, na grande plenária do PORTO, aclamado pela Assembleia “PORTO DOM HELDER CÂMARA”, pelo centenário do seu nascimento (1909-2009) e em resgate de sua profética atuação. Iniciamos esse primeiro dia, dedicado ao VER, partindo do grito profético da terra e dos povos da Amazônia, símbolos da humanidade, na sua rica diversidade, deixando-nos guiar na celebração pelo som dos maracás, tambores e flautas e pela dança de louvor a Deus de nossos irmãos e irmãs indígenas. Dali partimos para os locais dos miniplenários de 250 participantes, nas paróquias e escolas. Eles levavam os nomes de doze rios da bacia amazônica: Madeira, Juruá, Purus, Oiapoque, Guamá, Tocantins, Tapajós, Itacaiunas, Guaporé, Gurupi, Araguaia e Jari.

8. Divididos nos rios em doze *canoas*, com duas dezenas de participantes cada uma, partilhamos as experiências, gritos e lutas das comunidades em relação à nossa Casa comum, a partir do bioma amazônico e dos outros biomas do Brasil (cerrado, caatinga, pantanal, pampas, mata atlântica e manguezais da zona costeira), da América Latina e do Caribe. Vimos nossa Casa ameaçada pelo desmatamento, com o avanço da pecuária, das plantações de soja, cana, eucalipto e outras monoculturas sobre áreas de florestas; pela ação predatória de madeireiras; pelas queimadas, poluição e envenenamento das águas, peixes e humanos pelo mercúrio dos garimpos; pelos rejeitos das mineradoras e pelo lixo nas cidades. Nossa Casa se encontra ameaçada também pelo crescente tráfico de drogas, de mulheres e crianças e pelo extermínio de jovens provocado pela violência urbana.

9. Somamos nosso grito ao das populações locais, para que a Amazônia não seja tratada como colônia, de onde se retiram

suas riquezas e amazonidades em favor de interesses alheios, mas que seja vista em pé de igualdade, no concerto das grandes regiões irmãs, com sua contribuição específica em favor da vida dos povos, em especial de seus 23 milhões de habitantes, para que tenham o suficiente para viver com dignidade.

10. Fazemos um apelo para que os governantes sejam sensíveis ao grito que brota do ventre da Terra e, pautados por uma ética do cuidado, adotem uma política de contenção de projetos que agridem a Amazônia e seus povos da floresta, quilombolas, ribeirinhos, migrantes do campo e da cidade, numa perspectiva que efetivamente inclua os amazônidas como colaboradores verdadeiros na definição dos rumos da Amazônia.

11. Tomamos consciência também de nossas responsabilidades em relação ao reto uso da água, da terra, do solo urbano e para a superação do consumismo, respondendo ao apelo, para que todos vivamos do necessário, para que ninguém passe necessidade.

12. Constatamos, com alegria, a multiplicação de iniciativas em favor do meio ambiente, como a de humildes catadores de material reciclável, no meio urbano, tornando-se profetas da ecologia, e as de economia solidária, agricultura orgânica e ecológica. Saudamos os muitos sinais de uma “Terra sem males”, fazendo-nos crescer na esperança de que “outro mundo é possível, necessário e urgente”.

13. De tarde, realizamos a Caminhada dos Mártires, em direção ao local onde o rio Madeira foi desviado e em cujo leito seco, ao som dos estampidos das rochas dinamitadas, está sendo concretada a barragem da hidroelétrica. Celebrou-se ali um ato penitencial por todas as agressões contra a natureza e a vida humana. Diante das pedreiras que acolhiam as águas das cachoeiras de Santo Antônio, agora totalmente secas, ao lado da primeira capela construída na região, foram proclamadas as bem-aventuranças evangélicas (Mt 5,1-12), sinal da teimosa esperança dos pequenos, os preferidos de Deus.

14. No segundo dia, prosseguimos com o VER, com uma pincelada sobre a conjuntura atual na esfera sociopolítica e econômica, apresentada por Pedro Ribeiro de Oliveira; na perspectiva das mulheres, por Julieta Amaral da Costa; e do

ponto de vista ecológico, por Leonardo Boff. Atendendo ao convite de Jesus: “Vinde e vede!” (Jo, 1,39), após a pergunta dos discípulos “Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?” (Jo 1,38), partimos em grupos, em visita às muitas realidades locais: populações indígenas, comunidades afrodescendentes, ribeirinhas, extrativistas, grupos vivendo em assentamentos rurais ou em áreas de ocupação urbana; bairros da periferia; hospitais, prisões, casas de recuperação de pessoas com dependência química; e, ainda, a trabalhos com menores ou pessoas com deficiência. O retorno foi rico na partilha de experiências, nas quais descobrimos sinais de vida nova. Reiteramos que os projetos dos grandes, principalmente as barragens das usinas hidroelétricas, as usinas nucleares geradoras de lixo atômico, que põe em risco a população local, são projetos do capital transnacional que não favorecem os pequenos. Apoiados na sabedoria milenar dos povos indígenas, nos animamos a repetir com eles: “Nunca deixaremos de ser o que somos”. Nós, como CEBs no meio dos simples e pequenos, reafirmamos nossa teimosa opção pelos pobres e pelos jovens, proclamada há trinta anos em Puebla, resistindo e lutando para superar nossas dificuldades, sustentados pela fé no Deus que se revelou a nós como Trindade, a melhor comunidade.

15. No terceiro dia, as celebrações da manhã aconteceram nos rios, resgatando memórias da espiritualidade dos povos da região e das experiências colhidas no caminho missionário percorrido no dia anterior, nas visitas às muitas realidades eclesiais e sociais de Rondônia. A oração foi alentada pela promessa do Livro do Êxodo: “Desci para libertá-los [...] e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa, terra onde corre leite e mel [...]” (Ex 3,8). Em cada canoa, os relatos iam revelando uma Igreja preocupada com a justiça social e a defesa da vida nos testemunhos de gente simples em todos aqueles lugares visitados. Esses relatos aqueceram nosso coração e nos desafiaram a perseverar na caminhada das CEBs.

16. À tarde, fomos tocados por vários testemunhos. Em primeiro lugar, pela sentida oração dos Xerente do Tocantins, que celebraram seu ritual pelos mortos, homenagean-

do o amigo e missionário, Padre Günter Kroemer. Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba, retomou em sua história a trajetória dos negros no Brasil, suas dores, resistências e esperanças de um mundo melhor, nos seus quilombos da liberdade. Marina Silva, senadora pelo Acre e ex-ministra do Meio Ambiente, contou sua caminhada de menina analfabeta do seringal para a cidade de Rio Branco e de lá para São Paulo, mas principalmente sua incessante busca, a partir da fé herdada de sua avó, alimentada pela experiência das CEBs, pela leitura da Palavra de Deus e pelo exemplo de Chico Mendes, de bem viver e de colocar-se publicamente a serviço em favor do povo amazônida. Por fim, depois da apresentação de Dom Tomás Balduino, em que ele ressaltou o papel de Dom Pedro Casaldáliga, da Prelazia de São Félix do Araguaia, na fundação, junto com outros, do CIMI, da CPT e de Pastorais Sociais, acompanhamos pelo vídeo seu testemunho e nos emocionamos com suas palavras de esperança e confiança em Jesus e na utopia do seu Reinado.

17. Neste dia ocorreu também o encontro da Pastoral da Juventude de todo o Brasil e outro também muito significativo entre bispos, assessores e Ampliada Nacional das CEBs. Momento fecundo do estreitamento de laços e abertura a novos passos em nossa caminhada, em que foi expressa a alegria e o alento trazidos pela presença significativa de tantos bispos. Desse encontro os bispos presentes resolveram enviar sua palavra às comunidades.

Palavra dos bispos às Comunidades Eclesiais de Base

18. Os 56 bispos participantes do Intereclesial, reunidos na sexta-feira à noite com os assessores e os membros da Ampliada Nacional das CEBs, avaliaram muito positivamente o Intereclesial, destacando especialmente a seriedade e o empenho dos participantes no debate da temática do encontro, a espiritualidade expressa nas bonitas celebrações diárias nos “rios”, o clima sereno e fraterno e o grande en-

volvimento das comunidades das dioceses do regional Noroeste da CNBB na organização e realização do encontro.

A presença de 331 padres que participam do Intereclesial levou os bispos a exprimir o desejo de que, neste ano sacerdotal, todos os padres do Brasil renovem o compromisso de acompanhar as CEBs, empenhadas em testemunhar os valores do Reino, como discípulas e missionárias.

Constatando que, a partir da Conferência de Aparecida, as CEBs ganharam reconhecimento e novo alento em todo o continente, os bispos tiveram também palavras de apoio e incentivo para a continuação da caminhada das comunidades no Brasil, reforçadas pelo presidente da CNBB, Dom Geraldo Lyrio Rocha.

Diante da agressão continuada da Amazônia, juntamente com todos os participantes do encontro, manifestam sua preocupação com a construção da barragem de Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira; com os projetos de outras barragens no Xingu, Tapajós, Araguaia e outros rios; com a continuada devastação da floresta pelo avanço da pecuária, das plantações de soja e cana; e com a extração ilegal de madeira.

Nas diferenças, o mesmo Deus que nos convoca para a Justiça e a Paz

19. Na manhã do último dia fomos guiados pelo texto do Apocalipse: “Ele [o anjo] mostrou-me um rio de água vivificante, [...] O rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro. [...] em ambas as margens do rio cresce a árvore da vida, [...] suas folhas servem para curar as nações” (Ap 22,1-2). Bebemos no manancial da fé que nos une a todos e todas na única família humana, como filhos e filhas da mesma Mãe-Terra, a Pacha-Mama dos povos andinos, a Terra sem Males dos povos Guarani, na busca, sonho e construção do Reino de Deus anunciado por Jesus.

20. Juntos, representantes das religiões indígenas e dos cultos afro-brasileiros, de judeus, cristãos ortodoxos, católicos e evangélicos, muçulmanos, de mulheres e homens de boa vontade e de todas as crenças, no diálogo e respeito à

diversidade da teia da vida, acolhemos os gritos da Amazônia e de todos os biomas e reafirmamos nossa solidariedade e compromisso com a justiça geradora da paz.

21. Caminhamos como Povo de Deus que conquista a Terra Prometida e a torna espaço de fartura e fraternura, acolhendo todas as expressões da vida.

22. Comprometemo-nos a fortalecer as lutas dos movimentos sociais populares: as dos povos indígenas, pela demarcação e homologação de suas terras e respeito por suas culturas; as dos afrodescendentes, pelo reconhecimento e demarcação das terras quilombolas; as das mulheres, por sua dignidade e igualdade e avanço em suas articulações locais, nacionais e internacionais; as dos ribeirinhos, pela legalização de suas posses; as dos atingidos pelas barragens, pelo direito à terra equivalente, restituição de seus meios de sobrevivência perdidos e indenização por suas benfeitorias; as dos sem-terra, apoiando-os em suas ocupações e em sua e nossa luta pela reforma agrária, contra o latifúndio e os grileiros; as dos movimentos ecológicos, contra a devastação da natureza, pela defesa das águas e dos animais.

23. Queremos defender e apoiar o movimento FLORESTANIA, no respeito à agrobiodiversidade e aos valores culturais, sociais e ambientais da Amazônia.

24. Assumimos também o compromisso de respaldar modelos econômicos alternativos na agricultura, na produção de energias limpas e ambientalmente amigáveis; de participar na luta sindical, reforçando a ação dos sindicatos do campo e da cidade, com suas associações e cooperativas e sua luta contra o desemprego, com especial atenção à juventude.

25. Convocamos todos nós para o trabalho político de base, para a militância em movimentos sociais e partidos ligados às lutas populares; para participar nas lutas por políticas públicas ligadas à educação, saúde, moradia, transporte, saneamento básico, emprego, reforma agrária; e para tomar parte nos conselhos de cidadania, nas pastorais sociais, no movimento pela não redução da maioria penal, no Grito dos Excluídos, nas iniciativas do 1º de Maio e das Semanas Sociais.

26. Comprometemo-nos, ainda, a fortalecer e multiplicar nossas Comunidades Eclesiais de Base, criando comunidades eclesiais e ecológicas de base nos bairros das cidades e na zona rural, promovendo a educação ambiental em todos os espaços de sua atuação; fortalecendo a formação bíblica; incentivando uma Igreja toda ela ministerial, com ministérios diversificados confiados a leigas e leigos; assumindo seu protagonismo, como sujeitos privilegiados da missão; fortalecendo o diálogo ecumênico e inter-religioso e superando a intolerância religiosa e os preconceitos.

27. Queremos, a partir das CEBs, repensar a Pastoral Urbana como um dos grandes desafios eclesiais, assumir o testemunho e a memória dos nossos mártires e empenhar-nos na missão continental proposta pela V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida.

Rumo ao XIII Intereclesial no Ceará

28. Acompanhados pelas comunidades e famílias que nos receberam e por caravanas de todo o Regional, celebramos a Eucaristia, presença sempre viva do Crucificado/Ressuscitado, comprometendo-nos, com todos os crucificados de nossa sociedade, com suas lutas por libertação, a construir outro mundo possível, como testemunhas da Páscoa do Senhor, acompanhados pela proteção e bênção da Mãe de Deus, celebrada no Círio de Nazaré e invocada, na região Amazônica, com outros tantos nomes. No Brasil com o título de Aparecida e na nossa América com o de Virgem de Guadalupe.

29. Escolhida a Igreja do Crato, que irá acolher, nas terras de Padre Cícero, o XIII Intereclesial, relocalamos nos trilhos o trem das CEBs rumo ao Ceará, enviando a vocês, irmãos e irmãs das comunidades, nosso abraço fraterno e cheio de revigorada esperança.

AMÉM! AXÉ! AUERE! ALELUIA!

No final do Evangelho de Mateus, o Ressuscitado convoca os onze discípulos numa montanha da Galileia para enviá-los a “fazer discípulos entre todas as nações”, [batizando-os] em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, [ensinando-os] a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20). O objetivo da *Missão* é fazer discípulos(as), por meio do Batismo e da observância dos preceitos de vida exigidos por Jesus, tendo seu centro no mandamento do Amor. Porém não basta ser batizado, é necessário escutar, aprender e anunciar a Boa-Notícia do Reino.

Jesus se sentou muitas vezes para explicar o que significa ser discípulo dele, qual é o seu projeto de vida. A montanha das bem-aventuranças. Do alto dela Jesus olha para o mundo além de todas as fronteiras das contingências e proclama: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3).

Jesus tinha chamado seus discípulos à beira do mar da Galileia para conduzi-los à montanha. Trata-se de um caminho espiritual onde a proposta de vida de Jesus é assimilada através de uma vivência concreta e não de conhecimento teórico. Jesus exige que seus discípulos passem de uma vivência “normal” da Lei (“não mate!”) para uma vivência radical (“todo aquele que fica com raiva do seu irmão se torna réu perante o tribunal”); da reciprocidade (“olho por olho, dente por dente”) para a gratuidade (“não se vinguem de quem fez mal a vocês”); do nacionalismo (“ame seu próximo, odeie seu inimigo”) para a universalidade (“amem seus inimigos”). Esta é a essência do Evangelho que somos chamados a assumir, a viver e a anunciar.

É dentro deste contexto, da *Missão* para o mundo, que, à luz do *Documento de Aparecida*, os bispos do Celam nos convocam para abraçarmos este “compromisso missionário”, a *Missão Continental*, cujo objetivo é tomar consciência de que a dimensão missionária é parte constitutiva da identidade da Igreja e do discípulo do Senhor. Por isso, a partir do querigma, ela pretende vitalizar o encontro com Cristo vivo e fortalecer o sentido de pertença eclesial, para que os batizados passem de evangelizados a evangelizadores e, através de seu testemunho e de sua ação evangelizadora, nossos povos latino-americanos e caribenhos cheguem a ter vida plena nele.

Esta experiência abre um novo horizonte para a Igreja do continente que quer “recomeçar a partir de Cristo”, percorrendo junto com ele um caminho de amadurecimento que nos capacite a ir ao encontro de toda pessoa, falando a linguagem do testemunho, da fraternidade e da solidariedade.

Abriu-se ao impulso do Espírito Santo para promover a consciência e a ação missionária permanente dos discípulos mediante a *Missão Continental* é o que desejam alcançar as conferências episcopais de nosso continente latino-americano.

A *Missão* se realizará em quatro etapas, seguindo os critérios de simultaneidade, de flexibilidade e de irradiação.

As etapas são as seguintes: sensibilização dos agentes de pastoral e evangelizadores, aprofundamento com grupos prioritários; *Missão* setorial e *Missão* territorial.

Quanto aos destinatários e interlocutores da *Missão*: todos os cristãos são, ao mesmo tempo, destinatários e sujeitos da *Missão*. O discípulo se forma para a *Missão* e, por sua vez, a *Missão* forma o discípulo. Por isso, ao realizar a ação missionária, ao mesmo tempo que se renovam na vida de Jesus Cristo, os discípulos se preparam também para levar a Boa-Notícia a todos os povos.

O Celam propõe alguns sinais comuns, como: tríptico (no Brasil podemos chamar de capelinha); a Bíblia, logomarca da V Conferência de Aparecida; oração para *Missão Continental*; algumas celebrações de grandes festas litúrgicas com sentido missionário: Epifania, Páscoa, Pentecostes, fes-

ta mariana de cada país; produção e intercâmbio de subsídios formativos missionários.

Material de divulgação: pôster sobre a *Missão*; *spots* para televisão e rádio; página web sobre a *Missão*; vídeos sobre a *Missão*.

Um gesto significativo na dimensão social em cada país. Os gestos comuns, como expressão de comunhão e cooperação da Igreja na *Missão Continental*.

O lançamento oficial do Projeto *Missão Continental* se deu no dia 17 de agosto de 2008, em Quito – Equador, por ocasião do encerramento do CAM 3 COMLA 8.

O Projeto *Missão Continental* se propõe unir na fé os povos latino-americanos e caribenhos. A grande intuição é ativar a energia, o potencial da pessoa que fez a experiência do encontro com Jesus e ao mesmo tempo oportunizar tal encontro para aqueles que ainda não o fizeram. “Ninguém sai ileso depois de um encontro – são as marcas que Jesus deixa em nosso coração”, por isso vamos adorar em Espírito e Verdade a fim de que possamos cultivar a esperança de sermos “marcados” pelo Amor, pela força do Amor Humilde, pelo Convite de Jesus Cristo.

Hoje a Igreja no Brasil vive o momento da sensibilização do Projeto Nacional de Evangelização: “O Brasil na Missão Continental”. São inúmeras iniciativas e experiências missionárias que estão acontecendo. No início de setembro de 2009, aconteceu o segundo encontro nacional da Missão Continental. Nesse encontro foi possível visualizar quantas ações e iniciativas no campo da missão estão acontecendo, como fruto desse Projeto. A Comissão de Bispos da Missão Continental, juntamente com seus assessores, grupo de trabalho e representantes dos Regionais, apontam para três elementos de reflexão e ação em que a Missão Continental poderá atuar de maneira mais centrada: *espiritualidade missionária, paróquia missionária e metodologia para nova evangelização*.

Na ação do Espírito Santo, encontraremos a coragem de lutar para que, em Cristo, todos os povos tenham vida.

PADRE JOSÉ ALTEVIR DA SILVA, CSSP
Assessor da Comissão Missionária – CNBB
(www.cnbb.org.br)

Apelos missionários da Amazônia para a Vida Religiosa Consagrada

RICARDO CASTRO, IMC*

Uma das características mais importantes do seguimento de Jesus na Vida Religiosa Consagrada é a missão. Seguir Jesus Cristo é tornar-se um anunciador do Reino de Deus, na perspectiva de sua proximidade, de seu potencial transformador, de seu destino de ser dos pobres e dos que têm um coração de criança, de se tornar justiça e paz já, nas alternativas históricas de um mundo possível. Mas essas características do Reino de Deus exigem uma atenta escuta dos apelos do Espírito que fecunda a história e geme no parimento de um novo mundo. Na Amazônia, onde podemos ver as expressões mais evidentes da fecundidade e maternidade de Deus, nós nos colocamos nesta atitude de escuta e diálogo com todas as intermediações que nos ajudam a viver de maneira mais autêntica os carismas diversos e plurais do discipulado-missionário, neste chamado de “amazonizar”¹ a Vida Religiosa Consagrada. Esta é uma reflexão elaborada principalmente para as comunidades de Vida Religiosa que desejam partilhar das compreensões teológicas que brotam dessa realidade. Contudo, o desafio de viver a fé a partir dos desafios ecológicos, vivido principalmente no contexto amazônico, vale para todos os cristãos.

Contextualizar a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia. Missão e Amazônia

Contextualizar é como tirar as sandálias dos pés para tocar o chão e perceber sua sacralidade, ou seja, perceber as pegadas de Deus na realidade da vida. Na experiência de Moisés,

* **Padre Ricardo Castro** é religioso da Congregação dos Missionários da Consolata. Doutor em Teologia das Religiões, atua no Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia – ITEPES, Manaus. É membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB-Nacional.

Endereço do autor:

R. Mata-Matá, 50,
Bairro Santa
Etelvina,
CEP 69059-130,
Manaus-AM.
Tel.: (92) 3646-7620.
E-mail: rigonastro@
hotmail.com.

1. Ser discípulo-missionário de Jesus Cristo, chamado fundamental da vocação à Vida Religiosa Consagrada, ocorre

Deus diz: “Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é chão sagrado” (Ex 3,5).

Que significa “contextualizar”? Em que sentido podemos usar o termo? Como esta perspectiva pode se tornar o chão, a trilha através da qual nos inserimos na realidade Amazônica?

Iniciemos relacionando o “contextualizar” com a dimensão mais geográfica do termo. A Amazônia é um dos espaços mais ricos em biodiversidade e em diversidade de grupos étnicos do Brasil.

Apesar de pressões cada vez mais intensas, a Amazônia conserva ainda hoje as principais características de seu patrimônio natural, social e cultural, o que lhe confere uma identidade singular no país e no mundo. A bacia Amazônica está localizada entre a Cordilheira dos Andes ao leste, o Oceano Atlântico a oeste, o Planalto central brasileiro ao sul. A bacia hidrográfica cobre uma área de aproximadamente 7,5 milhões de km². Destes, 4,5 milhões de km² encontram-se em território brasileiro, representando 64,88% da bacia. O bioma amazônico, conforme definido pelo IBGE, tem 4,19 milhões de km², ou seja, 49,29% do Brasil. Atualmente, essa área corresponde aos estados do Pará, Amazonas, Acre, Amapá, Roraima, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão. Com 5,2 milhões de km², a Amazônia Legal representa 61,2% do território nacional.²

Amazônia é, antes de tudo, um paradigma de vida, uma cosmovisão, um modo de se relacionar com a natureza, com Deus e o mundo. O poeta do Boi-Bumbá fala de abrir os olhos e ver a festa da natureza que os deuses pintaram para nós – água, terra, fauna e cultura, obra-prima emoldurada de flores.³ Os povos que aqui viveram e vivem são naturalmente religiosos, aprenderam dos seus antepassados indígenas, nortistas e missionários europeus que entrar nestas matas é se inserir no grande mistério do cosmo. Mistério que apela às forças mais profundas da natureza humana até chegar às proibições da relação com as matas, com as águas e os animais.

O termo contextualizar apela para a nossa reflexão sobre como pisar no chão da história amazônica. Contextualizar

em um contexto particular da vida dos batizados. Ouvimos, compreendemos e vivemos o chamado de Deus pelas mediações culturais e históricas, nas quais nossa vida de fé está enraizada. Amazonizar a VRC é viver o compromisso de seguir Jesus Cristo a partir e por meio das mediações histórico-culturais da Amazônia.

2. CORDEIRO, Valdecir Luiz (org.). *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 22.

3. BOI GARANTIDO. *Aquarela da Amazônia*. (Demétrios Haidos/Geando Pantoja/Naferson Cruz).

4. “Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e só nos separamos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste ‘além’ que tem lugar a plenitude da humanidade.” MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 51.

é procurar compreender as grandes questões amazônicas, relacionando-as com o processo histórico aqui transcorrido a partir da colonização, que nas etapas percorridas resulta na realidade vivida na atualidade. A colonização se torna uma mentalidade trazida pelo colonizador europeu que se insere na compreensão da Amazônia como território de riquezas naturais que precisam ser exploradas e dominadas. Ainda hoje se pensa que se pode usar de modo indiscriminado os bens da Amazônia sem pensar no limite de seus recursos em relação às gerações futuras e à vida do planeta. O processo histórico de integração nacional da Amazônia vai gerar processos migratórios e imigratórios. Para esta região vieram populações que não conhecem os dinamismos de vida desta região juntamente com projetos criados fora da Amazônia, gerando um processo de desenvolvimento predatório das florestas, para o cultivo das monoculturas, pasto para o gado e exploração de minérios.

O discurso desenvolvimentista forçou uma grande quantidade de populações ribeirinhas para fora de seu nicho de vida, criando o inchamento tanto das pequenas cidades do interior como das capitais. Esses novos contextos geram quantidade enorme de lixo e de poluição dos rios e igarapés nas cidades. As populações provenientes da área rural se tornam moradores das periferias, sem condições básicas de vida digna.

Diante de um processo galopante de destruição da floresta e da poluição dos rios, somado com as grandes problemáticas ecológicas mundiais, a Amazônia parece carecer de modo imediato do resgate de uma percepção mais abrangente de sua ecologia e de políticas adequadas que tenham como base a relação vital existente entre seres humanos, terras, rios e florestas.

Numa percepção antropológica, “contextualizar”²⁴ significa retorno à nossa humanidade comum, principalmente na nossa relação com a mãe Terra. A humanidade são todos os seres humanos, mas, ao mesmo tempo, compreender-se como humano é identificar-se com uma realidade local, com um contexto e uma cultura. Nossa condição humana se compreende primeiramente situando-a no universo, na terra, na criação e não na separação. Assim, saber quem

somos é inseparável de saber em que realidade terrena nós vivemos, de onde viemos e para onde vamos. Na Amazônia os povos tradicionais, indígenas e ribeirinhos, compreendem a sua natureza humana contemplando as florestas, os animais e as plantas. É deles que se compreendem os dinamismos da vida interna e das inter-relações dos seres humanos entre si e com a natureza.

Contextualizar no sentido teológico, ou seja, fazer teologia, significa tecer um diálogo constante entre os povos da Amazônia (realidade local), que é sujeito tanto da cultura como da transformação cultural. Nesta metodologia de contextualização, o mais importante é o diálogo com o povo, para conhecer não somente suas histórias e interpretações de sua própria realidade, mas, principalmente, para perceber até que ponto sabe do valor e da profundidade de sua própria consciência do mundo em que habita. O povo que se organiza em comunidades cristãs, movimentos sociais e pastorais, nas várias realidades da Amazônia, precisa tomar consciência de sua sabedoria. Tornar o povo sujeito é ajudá-lo a assumir o direito de pensar, de produzir e usar de maneira adequada os seus próprios saberes, acumulados durante séculos, para o seu próprio benefício. Neste sentido, é o povo que possui um lugar proeminente na reflexão e compreensão da fé cristã a partir de um contexto particular. Neste intercâmbio, a Vida Religiosa Consagrada se descobre de novo, deixando falar quem foi emudecido pela história, descobrindo as alternativas inclusivas principalmente para aqueles e aquelas a quem a vida está mais ameaçada, violada e oprimida.⁵

Com tais atitudes, quais os apelos que escutamos ao adentrarmos no chão amazônico?

Os apelos da terra, natureza amazônica

Quem chega à Amazônia pela primeira vez, pelas grandes vias terrestres, fluviais ou aéreas, se depara de imediato com duas realidades dicotômicas: a exuberante grandeza de florestas e rios e a devastação galopante da biodiversidade da região. Tudo isso parece ser simbólico do processo de degradação humana dentro dos contextos sociais, principalmente

5. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortez, 2008.

no âmbito urbano. A morte da floresta e dos rios é também a morte de seus povos e decadência de nossa condição humana. Ao escutarmos, portanto, os clamores da terra amazônica, escutamos, ao mesmo tempo, o destino da humanidade em perigo. Existe uma relação intrínseca entre humanidade e natureza, no grito da terra estão os gritos dos pobres. Ambos os gritos são resultado de um processo de intervenção que está deteriorando o equilíbrio dos ecossistemas. O modelo econômico e de desenvolvimento, por mais que seja descrito como sustentável, tem como base uma visão da natureza como matéria para ser transformada em lucro. Na realização dessa meta se infringem, com uma violência sistemática, os ecossistemas da terra e os excluídos desse sistema.

A escuta desses clamores exige de cada aspecto da realidade histórico-social uma resposta. A Vida Religiosa Consagrada que quer escutar os clamores da Amazônia terá de reler seu carisma e sua missão a partir de uma ecologia não somente como cuidado com o mundo natural, mas também como cuidado com a ecologia das relações sociais, políticas e econômicas. A terra precisa ser cultivada assim como é descrita no relato da criação, mas cultivar também significa cultivar.⁶ Para a fé cristã inserida na Amazônia, cultivar a terra é compreendê-la como expressão primeira da inteligência artística do Criador, contemplar sua presença harmônica. Deus é também o Deus da terra e não somente dos seres humanos. Mas o projeto de Deus terá como meta a terra, a nova humanidade, morada de Deus, casa da humanidade.⁷

Na luta pela vida na Amazônia, a Vida Religiosa Consagrada, juntamente com uma rede de movimentos e organizações sociais, terá de denunciar sistematicamente o modelo de desenvolvimento econômico da região ao mesmo tempo que aponta (anuncia) para as vias de vivência e convivência digna das populações aqui estabelecidas. Essas exigências se fazem necessárias por causa de vários fatores presentes de modo diversificado em cada área da Amazônia. Podemos citar alguns desses fatores: o uso excessivo de agrotóxicos para adequar as monoculturas e alavancar a produção, principalmente da soja, o que contamina rios e igarapés; as queimadas das florestas; os processos migratórios desencadeados pela grilagem;

6. Cultivar e cultivar a terra é resgatar a relação vital existente entre ser humano e natureza e natureza com Deus. O mundo é criação de Deus e o ser humano é criado da terra. Terra e ser humano são um só e expressões do amor de Deus.

7. GESCHÉ, Adolphe. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 31.

o agronegócio; a biopirataria; os megaprojetos energéticos, que destroem a vida e desequilibram os ecossistemas.

Os apelos da história. A colonização

A colonização como fato ocorrido em todo o território ameríndio se processa tendo como base duas concepções: a primeira ligada a uma visão do mundo natural que precisa ser explorado e submetido ao poderio colonial e a segunda ligada a um modo de ver os indígenas como inferiores. Tal visão se desenvolve e ainda se encontra presente no imaginário nacional por causa das diferenças culturais e religiosas dos indígenas em relação à cultura religiosa dos europeus que aqui estavam chegando. Afirmadas essas bases, o aparelho colonizador se põe em marcha pisoteando povos, culturas e devastando a natureza, legitimado pelo sistema religioso.

Para perceber os apelos históricos da Amazônia e, assim, definir nossa ação missionária evangelizadora, é necessário desconstruir a visão colonizadora e neocolonizadora dessa realidade histórica.

A primeira etapa ocorre na colonização da natureza amazônica, o que significa invasão de terras, escravidão dos povos nativos e genocídios. Diante dos resultados devastadores ainda hoje em andamento, pergunta-se pelas razões que motivam e justificam um processo colonizador tão brutal, ocorrido em todas as regiões onde a colonização chega, de modo particular na Amazônia (natureza e povos). Tal empreendimento possui um conjunto de razões elaborado a partir de um centro controlador da execução do projeto.

Dessacralização da natureza

Estamos no desabrochar do pensamento moderno científico, no qual cada vez mais se desenvolve o processo de destituição da natureza de seu caráter divino. Sem cair numa concepção antirreligiosa da natureza, o aparelho colonizador se fundamenta teologicamente na ideia de que o mundo criado é a grande obra de Deus, que encarrega o ser humano de

dominá-la e submetê-la. A natureza está à disposição do ser humano para ser usada do modo que lhe for conveniente.

O colonizador que aqui chega é proveniente de metrópole europeia, caracterizada pelo processo de urbanização, compreendida como modificação do mundo natural transformado pela mão humana como casa. A casa humana não é mais de natureza agrícola, extrativista (cós mica), mas de natureza urbana (produção e consumo). A natureza é coisificada, torna-se objeto de domínio e de posse. Como pura materialidade, a criação é matéria bruta para ser beneficiada, principalmente para os moradores urbanos (os centros metropolitanos). Os efeitos de tal distanciamento estão sendo colhidos hoje nos centros urbanos. Outro elemento importante é a mercantilização da natureza, que se torna objeto de compra e venda. A terra (*oikos*) deixa de ser concebida como comunidade criadora que gera vida para uma infinidade de criaturas e se torna a posse de quem possui poder bélico ou econômico.

O domínio da natureza, no processo colonizador amazônico, também se dá pela busca do conhecimento do mundo natural, assim como pela apropriação da sabedoria milenar dos povos indígenas. O colonizador, para se afirmar como dominador da criação, precisa conhecer o mundo criado através da pesquisa científica. A autocompreensão humana não ocorre pela inserção no mundo criado, mas pelo distanciamento, e afirmando sua distinção deste mundo.⁸

A dinâmica colonizadora se implanta no novo mundo e se perpetuará até o presente na história desta região. Ainda hoje se pensa a Amazônia como exploração e povoamento com fins de transferência de material bruto para as grandes metrópoles industriais, num processo crescente de enriquecimento das elites do centro e empobrecimento das periferias e das populações rurais.⁹

Em comparação com a racionalidade dos povos das terras amazônicas que possuem uma raiz agrária, a natureza é sentida como matriz, útero de vida, com a qual o ser humano está umbilicalmente conectado. Participar de sua vida exige outra lógica, distinta daquela da materialização e coisificação da natureza que leva a uma concepção de desenvolvimento depredador da *oikos*. A racionalidade científica de

8. Cf. VASCONCELOS, Simão de. *Crônicas da Companhia de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1977. v. 1. VIEIRA, Antonio. *Sermões*. São Paulo: Cultrix, 1981.

9. GONDIM, Neide. *Invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 2007.

conhecimento da natureza não tem como finalidade afirmar a superioridade e o domínio humano sobre o mundo criado. Ao contrário, conhecer a natureza é um ato espiritual e embebido de uma compreensão ética do cuidado com aquela que é mãe e a base da igualdade entre todos os seres.¹⁰

Só poderemos escutar os apelos que brotam da história na Amazônia na medida em que estivermos disponíveis a aprender a resistência encarnada em seus povos e na sua dinâmica cósmica, ao mesmo tempo que se busca nas tradições culturais, religiosas e comunitárias o que não foi totalmente desfigurado e destruído pela dominação colonizadora. Resistência como característica da missão na Amazônia significa contribuir para a eliminação de tudo o que nos leva a perpetuar a mecânica avassaladora do império que hoje chega nesta realidade com nomes tipo “desenvolvimento sustentável”, monoculturas, migrações forçadas, polos industriais e outros.

Missão como descolonizar, desaprender, recriar e criar o novo

A colonização não é somente uma etapa histórica, mas uma mentalidade que ocorre pelos rios da Amazônia, caracterizada principalmente pela atividade extrativista. Ainda hoje se pensa que se pode usar de modo indiscriminado os bens da Amazônia, sem pensar no limite de seus recursos em relação às gerações futuras e à vida do planeta. O processo histórico de “integração” da Amazônia à realidade nacional tem gerado processos migratórios. Foi levado a cabo tanto para lidar com a questão do crescimento populacional das regiões Sul e Sudeste do país, como também para a exploração da região. Tais populações não conheciam os dinamismos de vida dessa região geográfica e geraram um processo predatório principalmente de florestas, para o cultivo das monoculturas e pasto para o gado e, por fim, para dar abertura à exploração mineral.

O discurso desenvolvimentista tem levado uma quantidade enorme de populações ribeirinhas a inchar tanto as pequenas cidades do interior como as capitais. Esses novos contextos vão gerar uma grande quantidade de lixo e muita poluição dos rios, muitos problemas sociais para as popula-

10. Cf. KROEMER, Gunter. CEBs e as religiões indígenas. In: CORDEIRO, Luiz Valdecir (org.). *Do ventre da Terra, o grito que vem da Amazônia*. São Paulo Paulus, 2008.

ções que, provenientes da área rural, vão morar nas periferias sem condições básicas de vida digna.

Diante de um processo galopante de destruição da floresta e da poluição dos rios, somado com as grandes problemáticas ecológicas mundiais, a Amazônia parece carecer de modo imediato do resgate de uma percepção mais abrangente da ecologia amazônica e de políticas adequadas que tenham como base a relação vital existente entre seres humanos, rios e florestas.

Os apelos dos povos da Amazônia. O apelo indígena: respeito por sua terra, cultura, sabedoria e conhecimentos

A história dos povos indígenas a partir da colonização no Brasil e na Amazônia foi sempre marcada por projetos escravocratas e integracionistas com o objetivo de tornar os indígenas “civilizados”, ou seja, fazê-los assumir a linguagem, a educação, as estruturas de convivência social do mundo urbano ocidental. Nesse processo, um grande número de povos indígenas, seja na área rural, seja no âmbito urbano, foi forçado a deixar suas terras e seus hábitos milenares de vida e esquecer as línguas nativas. Nesta história, a Vida Religiosa passou por dois processos, compactuou com os projetos integracionistas e em outros momentos se aliou e se solidarizou com a luta de resistência desses povos. Hoje é vital o resgate da identidade ancestral. Sem significar um retorno ao passado, os povos indígenas, num processo de se tornarem sujeitos e cidadãos de suas histórias, se empenham em um processo de *re*-elaboração de sua identidade e etnificação. Diante das organizações indígenas que lutam por direito e cidadania, as sociedades e as Igrejas entendem que a questão indígena é mais complexa.

Entre esses povos e nas suas organizações há um clamor por autonomia, um anseio de se identificar, de viver com a cara, com o corpo e com a vida do “ser indígena”. Um anseio de ser cidadão a partir de um reconhecimento próprio da identidade indígena. Contudo esse processo só poderá se tornar realidade a partir do reconhecimento pelo Estado e pela sociedade dos direitos ancestrais à terra indígena. A luta pela

terra, na racionalidade indígena, não está imediatamente ligada à compreensão capitalista de posse, domínio e exploração. A Terra é útero de onde nascemos e para onde retornaremos e nos tornaremos antepassados. Nela ocorre o processo de elaboração da identidade social, da autodeterminação dos povos. É o espaço de vida para construir cultura e religião.

A compreensão da Amazônia, antes de ser científica, biológica ou geológica, é indígena. É na compreensão mais profunda da relação entre seres humanos e natureza, captada e vivida pela sabedoria indígena, que se pode perceber a visão da Amazônia: resgatar a relação humanidade e terra, corpo e terra, terra sagrada que somos todos, somos dom de Deus. Tal relação se dará principalmente na compreensão, valorização e resgate da identidade religiosa indígena dos(as) amazônidas. Este é o grande clamor feito à Vida Religiosa Consagrada que quer armar sua tenda na Amazônia.

O apelo dos ribeirinhos: de herança indígena

Comumente chamados de “ribeirinhos” são aqueles grupos familiares que habitam as margens dos rios da Amazônia, também chamados de camponeses ou povos da várzea. Ligado a essa concepção está inserido um grupo muito variado de pessoas que vivem da floresta e dos rios: caboclos, seringueiros, castanheiros, quebradores de coco, pescadores artesanais e comunidades quilombolas. Para uma grande maioria dessa população está evidente a herança indígena, seja na cultura, seja no aspecto físico.

O grande desafio vivido por esses povos nos últimos anos é o modo como são empurrados para os grandes centros urbanos da Amazônia na busca de melhoria de vida. Os grandes projetos de desenvolvimento (hidroelétricas) para a região não levam em conta suas opiniões, sua cultura, seus saberes e seus modos de viver e conviver com os rios. No contexto amazônico, essas populações sofrem os impactos das mudanças climáticas, num crescente aumento das enchentes, que desequilibram os sistemas de vida. Mais dramaticamente, são as grandes secas que destroem imensas quantidades de peixes e seres vivos. Lenta, mas profundamente, começamos a sentir os espasmos de morte do planeta na região.

Com a cultura cabocla ribeirinha temos de aprender a nos tornar uma sociedade sustentável, ou seja, que produz o suficiente para si e para os seres vivos dos ecossistemas onde se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade geracional ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

O apelo das populações urbanas migrantes da Amazônia

Uma primeira constatação sobre a realidade urbana da Amazônia é como definir o conceito de urbanização. Ao falar de urbanização, necessariamente se imagina um grupo de políticas públicas que respondem à necessidade de habitação, saúde, educação, transporte, saneamento e segurança. De modo geral, o processo de urbanização do Brasil segue o ritmo da improvisação, sem um projeto a curto ou a longo prazo para um funcionamento da sociedade urbana. As cidades amazônicas não estão se tornando centros urbanos, mas aglomerações de populações provenientes principalmente das comunidades ribeirinhas. É um processo que podemos chamar de favelização, nomeada dessa forma por causa da inexistência das estruturas básicas para uma vida digna na cidade. Em Manaus, por exemplo, a maioria dos moradores da periferia ainda não tem acesso à distribuição de água, que se consegue principalmente a partir de poços ou nascentes. As consequências para a saúde pública são dramáticas pelo fato de as águas não terem o mínimo tratamento. Os grandes projetos de urbanização custam milhões, que são entregues a empresas privadas, que os terceirizam e, o mais das vezes, não os concluem. A sociedade civil não possui um controle sobre a aplicação desses recursos, sendo esta uma das causas da corrupção, do nepotismo, dos desvios de verbas públicas.

Diante dessa realidade o povo pobre tem de inventar, criar as alternativas de sobrevivência no campo e na cidade. Essa realidade gera o trabalho informal, comunidades e associações de bairro que procuram se organizar para reivindicar direitos, elaborar políticas, descobrir alternativas de sobrevivência. Muito comum nos grandes centros urbanos de Manaus

e Belém são os “carros de alimentação”, com comidas típicas da área rural, que se tornam a base da alimentação rápida da cidade. Apesar da cooptação dos pobres para fins de pirataria, tráfico de drogas e prostituição, uma grande maioria deles vive do artesanato e das expressões culturais da região.

Os grandes desafios das periferias se tornam mais graves por causa de um enfraquecimento cada vez maior dos processos de cidadania no contexto urbano. A luta pela sobrevivência, o individualismo e um processo de alienação desenvolvido pelos meios de comunicação, Igrejas e o mercado fazem das populações da cidade presa fácil das armadilhas dos condicionamentos de consumo da cidade.

Com as populações da periferia da cidade que se organizam em movimentos, partidos, pastorais sociais, somos chamados, como Vida Religiosa Consagrada, a lutar juntos pela superação do isolamento, do individualismo, da lógica do capital, de sistemas econômicos que olham somente para o lucro e não para a humanidade e para o planeta. O grande desafio das populações da periferia da cidade é criar uma cultura urbana de comunidade, para superar o isolamento, educar para a cidadania, lutar por direitos e gerar mobilização social que transforme estruturas políticas capazes de responder às necessidades dos pobres.

Os apelos da Igreja na Amazônia

A Igreja na Amazônia anseia pela Palavra de Deus como no dia de Pentecostes, quando cada um pôde ouvir em sua própria língua o anúncio da vitória de Jesus sobre a morte através de sua ressurreição. O anseio pela escuta da Palavra se compreende principalmente pela dinâmica da encarnação. A Igreja, assim como o *Logos*, deve se encarnar na Amazônia, se revestir de seus elementos sacramentais, de seus códigos linguísticos, de sua corporeidade, de sua percepção criacional. Na superação de um modelo de Igreja colonizadora, da desobriga e da inferiorização de seus membros nativos, a comunidade eclesial anseia por valorização e autonomia criativa para escutar a Palavra, relacionar com sua vida e aplicar a partir de seu jeito na realidade local.

É necessário reconhecer que a Igreja da Amazônia, talvez mais do que em outros lugares do Brasil, testemunha a fé não somente com a vida litúrgica, mas com compromisso com a vida do povo pobre, até as últimas consequências. No contexto atual, para muitos religiosos e cristãos na Amazônia, viver a fé em Cristo no compromisso com os excluídos significa ser perseguido, ameaçado de morte, assassinado, ter sua casa e sua família humilhada ou despejada. Esta dimensão da Igreja na Amazônia é pouco divulgada, valorizada e usada como base de sua própria evangelização. Conhece-se pouco sobre a vida de nossos mártires indígenas – a Igreja como um todo precisa reconhecer seus pecados neste processo dizimador de cultura e povos. Necessita se avaliar cada vez mais de seu método missionário colonizador na Amazônia, principalmente relacionado com os povos indígenas e a religiosidade ribeirinha. Conhece-se pouco do processo martirizante da vida de muitas religiosas encarnadas na realidade de luta pela terra e vida da floresta, como a Irmã Helena (Preciosíssimo Sangue), que lutou pela ocupação de terras urbanas para uma multidão de sem-teto em Manaus; Irmã Dorothy, que foi martirizada pela luta por vida digna para os seringueiros e pela preservação das florestas no Pará; Irmã Henriqueta, ameaçada de morte pela sua denúncia sistemática das redes de tráfico de jovens e pela prostituição por parte de autoridades. Esses são alguns exemplos bem atuais de uma fé comprometida que expressa a maturidade e presença do Reino de Deus que se processa na luta por vida, justiça, paz e integralidade da criação.

Um apelo para deixar a Igreja com autonomia e identidade amazônica pela valorização de leigos e leigas, tornando-os sujeitos na elaboração de uma Igreja amazônica inculturada.

Os grandes desafios da realidade amazônica pedem uma nova maneira de vivenciar a fé eclesial. O clamor dos povos indígenas, da devastação da floresta e do processo de favelização de nossas cidades fazem nascer o apelo para a superação da dicotomia entre fé e política. A fé na Amazônia tem de ser vivida como denúncia de projetos de desenvolvimento que, em nome da sustentabilidade, geram a morte de povos e do mundo natural. Sem uma fé que dinamize a

cidadania e estimule uma política ética não será possível o anúncio do Reino de paz e justiça.

Ainda está por surgir uma Igreja autenticamente inculturada na Amazônia. A comunidade de fé na Amazônia precisa levar a sério o princípio de que as culturas e as tradições de um povo são a base e o meio pelo qual Deus já se revelou e plantou a semente do Reino. Sem uma fé inculturada na Amazônia continua-se perpetuando uma fé que atinge a pele e até mesmo as emoções, mas que não atinge o coração e a transformação profunda das estruturas do mundo.

A Igreja na Amazônia anseia por compreender sua natureza e missão a partir do paradigma da criação. Uma compreensão mais profunda da relação entre fé e criação é a base para que a Igreja amazônica desenvolva atitude, estratégias e ações para a defesa da vida dos povos nativos e da biodiversidade.

Uma espiritualidade místico-profética para a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia

Nas nossas expressões religiosas, espirituais, celebrativas e místicas é importante valorizar as formas mitológicas do povo, os rituais que ajudam a valorização do corpo e da terra, que lembrem constantemente o valor sagrado de todos os tipos de vida e de nossa dependência, da terra e um dos outros. Vivemos numa teia de vida. Tornamo-nos humanos na medida em que descobrimos e nos ligamos a essa maravilhosa cadeia de vida que é o planeta Terra, manifestado aqui na Amazônia.

Uma compreensão mais espiritual-teológica da Amazônia nos leva a uma mudança de foco. Leva-nos a refletir acerca da sobrevivência das plantas, dos animais e dos seres humanos, conduzindo-nos à construção de “um modo de vida sustentável”, com quatro dimensões: ambiental (preservação da vida), social (integração e convivência), mental (ética e espiritualidade) e integral (vida plena para cada um e para todos).

A riqueza autêntica da Amazônia está na simbiose existente entre biodiversidade, cultura e religiosidade tradicional dos seus povos. Isto impõe à Vida Religiosa Consagrada na Amazônia um caminho, uma mística, projeto de vida a ser encarnado nos carismas e estilos de vida. Primeiramente, um

resgate da cultura, identidade amazônica a partir da mitologia e do simbolismo religioso. Promover uma educação teológica, espaços de reflexão para que se possa elaborar uma teologia amazônica, espiritualidade e teologia do seguimento de Jesus em contexto amazônico. Redefinir a missão da Vida Religiosa na Amazônia a partir das novas atitudes e exigências desta realidade, que, sendo complexa, deve nos manter abertos à contribuição interdisciplinar. Na Amazônia, assim como em tantas realidades desafiantes de nosso tempo, a Vida Religiosa Consagrada deve retornar a uma compreensão mais reinocêntrica da vida de Jesus, como chave de leitura e porta de entrada para a vivência de nossos carismas neste contexto.

Na Amazônia não há como não lembrar que somos água, rios. Que nossa vida segue sob os ritmos das enchentes e vazantes. Que parte de nossa alimentação típica brota dos rios com uma variedade imensa de peixes e frutos das águas. Nosso sentido de estética, do belo, está ligado às águas. Para nossos antepassados indígenas e negros, os deuses, as divindades moram no fundo das águas – como que para refletir de modo analógico o mais profundo de nosso interior –, as forças das águas inconscientes. Navegando pelos rios, o modo mais típico de viagens na Amazônia, aprendemos a ser contemplativos. Olhar por horas a imensidão dos rios, das águas. Somos água em nossa composição bioquímica e principalmente em nossa elaboração espiritual. Como princípio de maternidade, passamos nove meses mergulhados nela nas entranhas maternas para compreender fundamentalmente que água é vida. Somos banhados na fonte da vida eterna em nosso Batismo para morrer e renascer em Cristo para a vida de filiação, dependentes agora do Deus *Abbá*-mãe-pai.

Ser amazônida é compreender a dimensão hídrica de nossa vida, adquirir as sabedorias e a fertilidade dos rios, que no seu caminho rumo ao mar nos apontam para a meta fundamental de nossa vida – o mar infinito do amor de Deus. Ser amazônida é aprender a navegar, aprender a descobrir o caminho a seguir, aprender a paciência da pesca, aprender a contemplação que se renova em cada fluxo de água do grande rio. É banhar-se, purificar-se constantemente do calor cansativo da vida, da sujeira material e espiritual que se gruda em nós nas labutas e desmandos da vida.

Foram e viram! (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença no processo formativo

607

DELIR BRUNELLI*

Introdução

Jesus não faz grandes discursos a seus discípulos no início da caminhada de convivência e missão, mas os coloca diante de situações nas quais eles devem decidir e podem fazer a experiência concreta da proposta que lhes é apresentada.

Aos dois que perguntam por sua morada, Jesus responde: “Vinde e vede!”. Eles *foram, viram* onde morava e *começaram a viver com ele* a partir daquele dia (cf. Jo 1,39). Os sinóticos acentuam que os primeiros discípulos deixam tudo para seguir Jesus (cf. Mc 1,16-20 e par.). Mas o desafio não fica por aí. Ainda não tinham recebido muitas instruções quando foram enviados dois a dois a anunciar a Boa-Nova do Reino, sem levar nada e com autoridade para curar, ungir e expulsar demônios (cf. Mc 6,7-13 e par.). O verdadeiro ensinamento vem depois, quando voltam e contam o que tinham feito e anunciado (cf. Mc 6,30). Num primeiro momento, Jesus os convida a estar a sós com ele, mas logo se veem cercados por uma multidão meio sem rumo, sedenta da Palavra e com fome de pão. E aos que desejam despedir essa multidão um novo desafio é lançado: “Vós mesmos, dai-lhes de comer!” (Mc 6,37).

A pedagogia de Jesus é clara: a introdução gradual na dinâmica do projeto a ser assumido exige a experiência, até mesmo algumas experiências fortes, de impacto, que torne clara a proposta e mais firme a opção. Esse é o melhor caminho para a formação ao discipulado também quando se trata da Vida Religiosa Consagrada. São Francisco, em sua profunda intuição como seguidor fiel de Jesus, pedia aos que

* **Irmã Delir Brunelli** é catequista franciscana, membro da Equipe de Reflexão Teológica da CRB e trabalha atualmente no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis-RJ, onde coordena um *Master em Evangelização* (curso de pós-graduação *lato sensu*).
Endereço da autora: Rua Cel. Veiga, 550, Centro, CEP 25655-151, Petrópolis-RJ.
E-mail: delirbrunelli@terra.com.br.

1. Cf. CA 9,2-3 e 2EP 44,3-4. In: *Fontes franciscanas*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2004. p. 846 e 1038s.

2. 1Cel 22,3. In: *Ibid.* p. 212.

3. Irmãs Carmelita Zanella, Clarice Berri, Catarina De Fáveri, Cláudia Alves do Nascimento, Elizabete Maria da Silva, Eunice Berri, Lucelene Maria de Vasconcelos, Magda Mascarello, Maria Lunardi, Najila Pereira da Silva, Sílvia Antunes de Freitas. As irmãs que fizeram alguma experiência mais desafiadora no período da formação inicial foi solicitado: *Fale um pouco sobre sua experiência. Que é que ela significou no conjunto de sua formação e na decisão de seguir Jesus Cristo através da Vida Religiosa? Às formadoras foi perguntado: Você considera importante que as jovens façam alguma experiência mais significativa junto aos pobres/excluídos ou de inserção em áreas mais desafiadoras no tempo da formação inicial? Por quê?*

desejavam ingressar na Ordem que passassem um tempo entre os leprosos.¹ Isto servia para “comprovar” a vocação, fazer a pessoa perceber com mais nitidez em que consistia o chamado e responder com toda convicção, como fizera o próprio Francisco: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração”.²

Não se trata, portanto, de uma espécie de “turismo de inserção”, mas de algo escolhido, planejado e com certa duração. Experiências que fincam estacas, que apontam rumos (cf. Jr 31,21-22), que ajudam a tomar decisões e servem de orientação também no futuro, em especial nos momentos de crise, porque não se apagam com facilidade. Experiências que qualificam e dão consistência ao processo formativo.

Hoje como ontem, as pessoas que procuram a Vida Religiosa Consagrada, em sua maioria, têm belos sonhos missionários. Mas com frequência estes sonhos são frágeis, pouco claros ou até ambíguos. É necessário dar oportunidade para que deitem raízes num chão concreto e não se percam em meio às nuvens, nem sejam levados pelos ventos. As experiências acima mencionadas podem fazer esse papel, inseridas num cotidiano que lhes dê respaldo, que as cultive e potencialize para que não sejam efêmeras.

A maioria das Congregações tem hoje poucos iniciantes. O momento é favorável para ousar novos caminhos e investir em mudanças qualitativas no processo formativo. Com um grupo pequeno é possível maior flexibilidade e personalização. É possível acompanhar as pessoas em experiências diversificadas e mesmo transferir as casas de formação (inclusive o noviciado) para áreas mais desafiadoras.

De maneira muito simples, o presente artigo quer oferecer alguns elementos e algumas pistas de reflexão sobre este assunto. Foi escrito com a valiosa contribuição de onze irmãs que fizeram experiências significativas no tempo da formação inicial ou atuam na área da formação, e se dispuseram a dar seu depoimento.³ A elas agradeço, na certeza de que seus relatos – embora não seja possível colocá-los na íntegra – falarão mais alto do que muitos argumentos e considerações que eu pudesse aqui apresentar.

A oportunidade de concretizar e alimentar sonhos

Ouvimos com certa frequência que os(as) jovens de hoje, também os(as) que procuram a Vida Religiosa Consagrada, têm poucos sonhos, não são persistentes e facilmente se acomodam. Mas esta é apenas meia verdade. Se algumas vezes as motivações são frágeis ou equivocadas, na maioria dos casos percebe-se que há sonhos verdadeiros, como afirma Carmelita, a partir de sua experiência de muitos anos com jovens que iniciam a caminhada na Vida Religiosa:

Às vezes se justifica dizendo que hoje em dia tem de ser diferente porque a juventude não é mais sonhadora, já não arrisca mais, já não quer mais saber de compromissos sérios, ou que o mundo de hoje é outro... Não podemos, é verdade, ignorar as mudanças e a realidade complexa de hoje. Mas o sonho de seguir Jesus Cristo, de ser coerente e não tolerar as injustiças, a coragem de deixar tudo por uma causa que valha a pena, ainda está acalentando o coração da juventude.

Talvez o diferente seja a relação entre a opção pela Vida Religiosa e a busca de realização pessoal, entre seguir Jesus Cristo e ser feliz. No passado, o sonho trazia consigo uma forte dose de renúncia, de heroísmo. Hoje o que se destaca não é o que se deixa, mas o que se ganha e o que se busca. E neste ganho está a realização humana, a alegria de viver, o desabrochar de potencialidades e a oferta dos próprios dons. É assim que vê Lucelene:

O seguimento de Jesus Cristo é o caminho que todo(a) vocacionado(a) à Vida Religiosa deseja percorrer. Por isso o(a) jovem que se apresenta cheio(a) de vigor, criatividade e desejo de servir nem o vê como desafio, mas como uma proposta bonita, salvadora da humanidade, e como caminho ideal para a vida ser melhor. Na verdade, o(a) jovem entra para a Vida Religiosa no intuito de ser feliz. Ao longo do processo de acompanhamento e das experiências que vai fazendo, a maturidade vai

chegando e ele(a) vai percebendo que levar a sério o Evangelho é também aceitar morrer, como o grão de trigo, se quiser produzir frutos (cf. Jo 12,24).

O *Documento de Aparecida* não hesita em afirmar que os(as) jovens “não temem o sacrifício nem a entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido”.⁴ Cabe às Congregações ajudar os(as) que ingressam na Vida Religiosa a alimentar seus sonhos e também dar oportunidade para que se concretizem.

As jovens que chegam para compartilhar nosso projeto de vida trazem na mochila um desejo bonito de solidariedade com os mais empobrecidos e, se bem acompanhadas, não temem a entrega da própria vida na realização deste sonho. Um sonho que ninguém tem o direito de frustrar! Considerando ainda que a jovem vive uma fase de experimentações e de elaboração da própria identidade, oportunizar tais experiências àquelas que ousam seguir o chamado para o seguimento de Jesus e querem delinear seu projeto de vida em nossa Congregação vem a ser até uma questão de justiça (Eunice).

Algumas irmãs que deram seu depoimento foram para a missão além-fronteiras no período da formação inicial. Todas falam do grande desejo de ser missionárias, de doar a vida sem reservas, de gastar os anos da juventude em algo realmente significativo. A oportunidade de enfrentar um grande desafio foi vista como “boa notícia”, capaz de liberar energias antes ignoradas. Se algum medo havia, era bem menor que o sonho acalentado.

Eu, jovem, no início da Vida Religiosa, não me recordo se medi muito as consequências de dizer SIM, se pensei no que significaria sair do sul do Brasil para a África, Angola, numa situação de guerra. Não me recordo de ter sentido medo. Mas sei que naquele momento sentia uma firme vontade interior: ser missionária, partir... O ardor missionário foi motivado, sobretudo, pelo filme *A ilha de Molocai*, que trata do trabalho dos combonianos junto aos leprosos (Sílvia).

No dia em que professei publicamente minha entrega a Deus e a seu Reino, nesse dia, que me foi tão especial, eu já havia recebido a notícia – a boa notícia – de que em breve estaria partindo para a missão em outro país, a Argentina (Magda).

Cheguei aqui na Bolívia trazendo no coração um único desejo: doar a vida a serviço dos pequenos, entregar-me sem reservas, gastar rápido a vida para que ela não envelhecesse no comodismo e distante dos pobres, os mais amados de Deus. Hoje, passados mais de cinco anos, ousou dizer que foram bem vividos (Cláudia).

Por várias e diferentes razões, as famílias de hoje são levadas a dar mais proteção aos(às) jovens e por mais tempo do que no passado. O número de filhos(as) é pequeno, a violência na sociedade é grande, o tempo dos estudos é prolongado, o mercado de trabalho é restrito... Na Vida Religiosa acontece algo parecido. A diminuição numérica e o aumento da faixa etária levam as Congregações a valorizar de uma forma especial os(as) candidatos(as) que se apresentam, buscando oferecer o que há de melhor para sua formação. É forte também a tentação de “preservar” esses(as) jovens de possíveis riscos, especialmente para sua “vocação”. Mas, na verdade, esse é um grande equívoco e o caminho mais curto para que se acomodem ou desistam da Vida Religiosa, por não encontrarem nela o sentido que esperavam. A oportunidade de vencer desafios não é apenas uma boa recomendação, é um imperativo, uma necessidade.

Para mim, foi muito bom ter assumido realidades desafiadoras no tempo da formação inicial. Assim, fui amadurecendo minha opção para o seguimento de Jesus pela Vida Religiosa. Os(as) jovens, muitas vezes, têm dificuldade de entrar com firmeza numa experiência, mas quando lhes damos a oportunidade podem ir além de nossas expectativas. O caminho é esse: jamais recuar de uma metodologia que forma para a vida e chama para a responsabilidade! (Lucelene).

As crises são inevitáveis não só no tempo da formação inicial, mas durante toda a vida. Em muitos casos, são justamente as ricas e profundas experiências dos primeiros anos

de Vida Religiosa, aquelas que armazenaram energias espirituais e humanas, que vão trazer força para superar as crises ao longo da caminhada.

Depois de uma experiência no interior do Mato Grosso, vim morar em Rondonópolis e aí começaram os conflitos pessoais e grupais. Os moldes da formação não permitiam espaço para as diferenças, todo mundo tinha de se enquadrar no mesmo esquema e nós não conseguíamos nos ajustar. Sofri muito, aliás, sofremos, e por muitos momentos tive o intenso desejo de abandonar tudo. Uma das coisas que me manteve foi a experiência de inserção vivenciada no primeiro ano e o sonho de ser missionária além-fronteiras. Na formação, este sonho foi alimentado e cresceu, sendo também suporte nas dificuldades. Quando estava no final do primeiro ano do noviciado, recebi a feliz comunicação de que eu iria para a África. Foi um choque, alegria e medo se misturaram. E, com pouco mais de três meses da minha primeira profissão, parti para Angola! (Elizabete).

Já se falou muito sobre a interação teoria-prática no processo formativo. Mas o ordenamento e os programas da formação inicial, na maioria dos casos, mostram que ainda persiste a ideia de que há um antes e um depois, de que é possível formar *para* o seguimento de Jesus, *para* a vivência do carisma congregacional, anteriormente à sua concretização missionária. Essa distância faz com que jovens mais inquietos(as) se cansem de esperar e desanimem. Outros(as) vão se acomodando e depois encontram dificuldade para retomar as motivações mais verdadeiras que os atraíram para a Vida Religiosa Consagrada.

Acompanhei de perto as formandas durante dezesseis anos e sempre acreditei que a inserção junto aos pobres ou em situações de vulnerabilidade social é o espaço privilegiado da formação, é elemento formativo indispensável. Quando não se possibilita essa experiência no período da formação inicial, torna-se difícil, depois, pretender que as pessoas optem por ser missionárias em situações de maiores riscos. Além disso, os(as) jovens se rea-

lizam muito mais quando testados e interpelados por experiências desafiadoras (Clarice).

A acomodação em espaços já conquistados e em situações já conhecidas ou que oferecem maior conforto e segurança é uma forte tentação durante toda a vida. Por isso que em todas as idades são fecundas as experiências que levam a pessoa a se ultrapassar, que propiciam um novo confronto com o Evangelho, uma retomada do primeiro amor. “Nosso coração é malandro”, diz Eunice. “Sem beber da rica fonte que brota da convivência com os últimos, os menos amados, a Vida Religiosa Consagrada não sobreviverá, pelo menos não na fidelidade às suas origens!”

Experiências que dão clareza ao projeto e confirmam a vocação

No período da renovação pós-conciliar, houve um momento em que se deu destaque aos conteúdos. A vida estava em grande movimento e as novas experiências, incluindo a inserção nos meios populares, precisavam de iluminação teórica. Daí surgiu uma nova teologia da Vida Religiosa Consagrada, propiciando um aprofundamento sobre os carismas, a espiritualidade, a vida fraterna, os votos, a missão, a história... Hoje não se tem muito a acrescentar no que diz respeito a esses conteúdos. Em geral são bons, provocativos e até audaciosos. Mas o grande perigo é que já estão “prontos” e podem cair no vazio se não refletirem o que se passa na vida concreta, se não forem confirmados pela prática. E esse perigo é maior no tempo da formação inicial.

Os conteúdos teóricos vão abrindo caminhos e direcionando nossos sonhos, mas *o que marca*, o que *dá sentido*, o que *se torna carne* de verdade, são as experiências *vividas por inteiro*: com a cabeça, coração, estômago, mãos, pés; com sorrisos e lágrimas, cansaços e descansos. É isso que carregaremos para a vida e que defenderemos (ou condenaremos, se este for o caso) a qualquer preço. Essa verdade pode ser comprovada se nós, com mais anos de Vida Religiosa, nos fizermos a pergunta: que é que mais nos

marcou na formação inicial? Foram os conteúdos que estudamos? Que lembramos deles?! A minha humilde experiência na convivência com “formandas”⁵ fortificou em mim essa convicção (Carmelita).

As possibilidades são muitas. Os depoimentos falam da missão junto aos excluídos em nosso país e além-fronteiras: nas periferias das pequenas e grandes cidades; junto aos ribeirinhos e em áreas de garimpo; com portadores de deficiência, hansenianos, população de rua, mulheres vítimas de violência, crianças e adolescentes em situação de risco... Falam da participação em projetos socioeducativos, em movimentos populares e em espaços onde são reivindicadas e definidas as políticas públicas.

Deve ser uma experiência que leve em conta o aumento crescente da pobreza, as ameaças ao planeta Terra, a violência, o pluralismo cultural e religioso... Uma experiência que possa somar com as múltiplas organizações e movimentos alternativos dos excluídos. Um amplo e complexo mundo daqueles e daquelas que precisam de uma presença profética e também de carinho, de proteção, de solidariedade, constituindo para nós, religiosos e religiosas, o espaço privilegiado de nossa formação (Maria).

Embora seja indispensável, não é o estudo sobre a Vida Religiosa e sobre o carisma da Congregação que vai dar ao(à) jovem a clareza necessária sobre o projeto de vida que deseja assumir, mas a oportunidade de vivenciá-lo no cotidiano, de experimentá-lo “feito carne” e história. Experiências assim ajudam a perceber quem são os preferidos de Deus, quem são os pobres pelos quais a Vida Consagrada — e cada Congregação — se propõe optar. Ao mesmo tempo, “*pro-vocam*”, ou seja, chamam para a frente, interpelam a responder com autenticidade e ousadia.

5. Coloco entre aspas “formandas” e “formadoras” porque não me agrada essa distinção, mas não tenho outra mais adequada.

Tive a oportunidade de morar em Huepetuhee, no Peru (área de garimpo), ainda como postulante. Para mim foi um ano de graça e de muitas provações. O que mais me deixava triste e inquieta é que as pessoas vivem e são tratadas de forma desuma-

na. A vida não vale nada. O ouro é que fala mais alto e está em primeiro lugar, não importa se para isto alguém, ou até mesmo todo um povo, está sendo prejudicado. A convivência com esta realidade e com outras culturas foi fundamental para o meu crescimento e desenvolvimento vocacional, fortaleceu minha opção e me fez ver a vida, as pessoas, de um jeito diferente. Ajudou-me a ser mais *eu*, mais consciente e convicta do que buscava e almejava para minha vida (Najila).

O meu primeiro ano na Congregação foi extremamente marcante. Precisava de uma experiência exigente e a equipe de formação percebeu isso, talvez mais do que eu. Fui morar no interior do Mato Grosso, na região amazônica, um local onde a maioria dos moradores era migrante. Durante o período em que fiquei naquela realidade, percebi quem eram os preferidos do Reino. Ao mesmo tempo me senti útil e também provocada a gastar a vida junto aos sofredores, sendo no meio deles uma presença solidária. Como juniorista, fui para Angola. Foi uma experiência muito válida e não me arrependo nem um minuto de tê-la feito. Com certeza, se não a tivesse vivido, não faria as opções que faço hoje no dia a dia. Posso dizer com segurança que as dificuldades estruturais, econômicas e pessoais enfrentadas com o povo fortaleceram minha vocação e opção pela Vida Religiosa, levando-me a buscar cada vez maior autenticidade ao trilhar esse caminho (Elizabeth).

Cada Congregação tem suas diretrizes para o tempo da formação inicial e, certamente, ao elaborar essas diretrizes, buscou responder à pergunta: que é mais importante nesse tempo e em cada uma de suas etapas? Mas levando em conta as grandes transformações socioculturais dos últimos anos e também a realidade atual da própria Vida Consagrada, não seria este o momento adequado para se recolocar a pergunta?

Foi dito que os(as) jovens de hoje também têm sonhos, sentem-se atraídos(as) por Jesus Cristo e querem viver a proposta evangélica através da Vida Religiosa. Mas esses sonhos, muitas vezes, são indefinidos e frágeis. Tornam-se mais claros e ganham firmeza se nos primeiros anos tais jovens ti-

verem a oportunidade de alguma experiência que marque profundamente suas vidas, que os(as) seduza e apaixone.

Todos os dias minha prece é de gratidão a Deus por me haver conduzido até aqui (na Bolívia) no tempo da formação inicial, etapa de muitas sombras, incertezas, perguntas sem respostas, mas também de enamoramento e de encantos. Posso dizer que encontrei aqui muitas respostas, reafirmei convicções, me deixei seduzir pela vida e me apaixonei ainda mais pela proposta de Jesus (Cláudia).

Essas experiências são indispensáveis no processo de formação à Vida Religiosa. Se nossos pés descalços não pisarem o *chão sagrado* da realidade sofrida do povo, nosso coração não conseguirá entender e amar o mistério da encarnação do Filho de Deus e sua missão. Trata-se de garantir uma *fidelidade mínima* ao Evangelho e à missão assumida na consagração religiosa (Eunice).

Os excluídos como formadores

As Congregações, em geral, procuram qualificar as pessoas escolhidas para acompanhar mais de perto os(as) jovens que ingressam na Vida Religiosa. Esse empenho, sem dúvida, é legítimo e necessário. O mesmo cuidado, porém, merecem o espaço sociocultural em que esses(as) jovens vão residir, as opções apostólicas a serem assumidas, as possibilidades de contatos e relacionamentos fora da comunidade religiosa. Tudo isso faz parte da formação, talvez de maneira mais incisiva quanto pode parecer à primeira vista.

O depoimento/reflexão de Carmelita Zanella em relação a este aspecto merece ser apresentado quase na íntegra. É bom que fale quem possui uma rica e iluminadora experiência.

Foi-me perguntado se é importante ou não que as(os) jovens façam experiência entre os excluídos no processo formativo para a Vida Religiosa. Para mim, a pergunta seria outra: que é essencial para a Vida Religiosa? Que precisa se tornar *carne* nesses(as) jovens, que deve passar pelos seus corpos inteiros e marcar para sempre, a fim de que assumam *com paixão e ousadia* a missão que lhes é própria na construção do Reino?

Podemos ainda nos perguntar: se um aspecto essencial à Vida Religiosa é o *profetismo*, como ser discípulo e discípula do profeta Jesus longe do sofrimento de seu povo? Como ser “amante” do Deus dos profetas, aquele que *ouve* o clamor, *vê* o sofrimento, *conhece* as angústias de seu povo e *desce* para libertá-lo (cf. Ex 3,7-8)? Só pelos livros, numa vida comunitária que se basta a si mesma e rezando confortavelmente numa capela?!

Com toda convicção, não vejo outra saída no processo de formação para uma Vida Religiosa que se pretende profética, discípula de Jesus, senão *assumir os excluídos como formadores*. E isso implica:

- Assumir seu lugar social como *espaço de formação*.
- Estar junto, ouvindo seus sofrimentos, conhecendo suas angústias, como *tempo gasto na formação*.
- “Descer” para assumir junto com eles e elas a busca de “remédio” para suas dores, o alívio de suas angústias, a conquista da “Terra prometida” de seus sonhos, o resgate de sua cidadania como *compromisso da formação*.
- Compartilhar a sua fé, sua religiosidade, sua espiritualidade e contemplar sua resistência, suas lutas pela sobrevivência, seus sentimentos de inferioridade, sua invisibilidade social, suas súplicas e clamores, suas violências, a crueldade e a inutilidade a que são submetidos, como *contemplação na formação*.
- Conviver com eles e elas em suas pequenas e grandes alegrias, nas suas grandes perdas e pequenos ganhos, com seus choros e sorrisos, seus gritos e abraços, nos seus “copos d’água” (confraternização), nas suas necessidades de desabaços, como *experiência de vida fraterna na formação*.
- Cultivar a capacidade de escutar profundamente essa realidade, entusiasmar-se sempre de novo por essa missão, relativizar situações pessoais e grupais por essa causa maior, questionar e questionar-se diante de tal exclusão, buscar aprofundamento teórico para melhorar a presença nessa realidade, assumir riscos e até perder a “imagem” por essa causa como *elementos de avaliação do processo formativo*.

As(os) jovens nos procuram por causa da missão. Mas depois, entrando em nossas estruturas de formação, com tudo muito

programado, com horários e lugares certos para tudo, elas/eles se acomodam e perdem o amor primeiro. Apenas estudar, rezar, viver em grupo e fazer alguns trabalhos não responde a seus sonhos. Mas estar lá onde ninguém vai, lá “na escória da humanidade”, na margem, na invisibilidade social, nos becos onde a vida carece de abraços, onde a dignidade das pessoas está sendo espezinhada, onde os deserdados deste mundo neoliberal buscam somar forças na sua fragilidade, *estar e ser lá*, isso faz a diferença! Pois lá tem muito mais do que pobreza e miséria, do que pecado e violência, do que barulho e confusão! *Lá tem Deus!!!* Paixão de Jesus ao vivo! Cristo em carne e osso! Tem solidariedade pra ver, pra dar e receber! Lá as(os) jovens encontram espaço para viver e conviver, mesmo sem regras ou sem condições, a verdadeira opção que desejam fazer. Lá encontram a resposta que estão procurando e percebem se é esse o caminho que desejam seguir *de todo o coração*.

Lembro-me, nesse momento, de nossa experiência com jovens angolanas num sanatório de tuberculosos. Naquele lugar, vidas humanas misturavam-se com sujeira, abandono, fome e também altruísmo de alguns enfermeiros que no meio do nada procuravam fazer alguma coisa. Íamos apenas uma vez a cada quinze dias e, no início, até com certa relutância de algumas. Minha intenção era apenas a de fazermos visitas e sentir aquela realidade. Confesso, era demasiado cruel aquela situação. Era muito difícil dormir em paz depois de ver e sentir aqueles corpos quase sem vida, desesperadamente querendo viver. Depois da segunda visita, partiu das próprias jovens o desejo de fazer algo, de dar nossa pequena parcela de ajuda, de gritar ao mundo aquela injustiça e aquele descaso por vidas humanas. E a primeira que levantou a questão foi a jovem que mais relutou em fazer a primeira visita.

Situação parecida vivenciamos alguns anos depois, em outra região, quando íamos entre os portadores de deficiência por causa da hanseníase, numa comunidade deixada à própria sorte pelas autoridades. Éramos um grupo misto e percebíamos que naquela realidade de total carência éramos tocados e tocadas por uma presença iluminadora, uma presença que atingia o coração, que ultrapassava aqueles corpos mutilados, carentes de afeto, embriagados algumas vezes pelo álcool e tantas outras

pela fome. Era, de fato, uma presença divina! E aí não precisava discurso, nem explicação. Voltávamos, não raro, silenciosas(os) e absortas(os) nessa presença. E o mais interessante é que, nas avaliações feitas no final de cada ano, sempre o ponto mais forte, o que mais havia marcado e contribuído para a mudança de atitudes, eram essas experiências.

Celebrar a Quinta-feira Santa, por exemplo, em altares com lindas toalhas brancas e cálices brilhando, com pão macio, suave e branquinho, e lavar os pés de discípulos bem comportados que nunca “negam” e que nunca vão pedir coerência deste gesto pode se transformar num simples ritual. Mas celebrar a Quinta-feira Santa sentada na varanda de uma casa muito pobre, tomar da *quissangua* (bebida feita de fubá de milho que os pobres ainda conseguem tomar) de uma caneca esfumaçada, comer grãos de milho torrados ofertados com tanto carinho e lavar os pés apodrecidos de seres humanos que, no seu silêncio, gritam por justiça – celebração assim não é simples rito, é atualização, é vivência, é levar a sério o *fazei isto em minha memória*. É formação que fica, que vira sangue, que renova a opção, que nos fortalece na caminhada. É processo formativo que tem como *formadores* os excluídos e excluídas!

Espiritualidade encarnada

A paixão por Jesus Cristo e pelo Reino que ele anuncia e inaugura expressa a autenticidade da vocação à Vida Religiosa. O *Documento de Aparecida* lembra que a Vida Religiosa é chamada a ser uma vida discipular e missionária, mística e profética, gratuita e servidora, apaixonada por Jesus Caminho, Verdade e Vida. O mesmo Jesus que se faz presente nos pequeninos e nos últimos.⁶ A formação, em todas as etapas da vida, quer despertar e alimentar essa paixão, para que se torne uma força dinamizadora e uma seiva fecundante ao longo da existência.

Não são necessários muitos argumentos para nos convencer de que a espiritualidade cristã é uma espiritualidade encarnada, ou seja, brota da ação do Espírito de Jesus, que vai atualizando na história o mistério da encarnação e vai nos envolvendo nesse mistério. Estamos conscientes de que

6. Cf. *DAp*, n. 220.

a vida no Espírito de Jesus não nos fecha em intimidade cômoda, mas torna-nos pessoas generosas e criativas no serviço missionário, pessoas comprometidas em responder aos apelos da realidade.⁷

Mas como cultivar uma espiritualidade encarnada no tempo da formação inicial? Sabemos que não existe apenas um caminho e nem uma receita válida para todas as circunstâncias e para todas as pessoas. É certo, no entanto, que para desenvolver uma autêntica espiritualidade cristã é necessário percorrer o caminho seguido e apontado por Jesus, aquele caminho que conduz aos *desertos, periferias e fronteiras* do mundo de hoje, onde se encontram os últimos e os pequeninos, a quem Deus revela seus segredos (cf. Lc 10,21).

Essa experiência junto aos pobres é o lugar mais adequado para que as formandas façam a experiência do Deus de Jesus Cristo e aprendam a ser discípulas (Catarina).

Um dos depoimentos é particularmente elucidativo neste sentido. Mostra uma aprendizagem que se dá no cotidiano, na medida em que o chão do povo vai sendo pisado com pés descalços e contemplado à luz da Palavra e no ardor do Espírito.

A experiência em Trelew, província de Chubut (Argentina), foi muito peculiar. De uma hora para outra eu já não sabia mais nada. Tudo precisava ser aprendido. Não se tratava somente de aprender o espanhol, como eu imaginava em princípio. Eram também outros ritmos, outra comida, outra forma de organizar o tempo, de priorizar. Era outra maneira de ver o mundo. Fui compreendendo a experiência de Francisco, de um *amargo* que vai se transformando em *doçura*, não somente da alma, mas também do corpo. Uma doçura que perpassava todo o ser e que contagiava o coração e também a mente, as mãos, os pés... Como nos diz a Palavra, o chão patagônico foi se transformando em *chão sagrado*, profundamente habitado pelo Mistério, onde eu colocava os meus pés descalços, em resposta ao chamado do Senhor (cf. Ex 3,5).

Neste período em que aí estive, misturando minha vida à vida das comunidades, junto com minhas irmãs conheci a comuni-

dade indígena do chamado deserto patagônico. Foi então que decidimos nos reorganizar e aceitar o desafio de começar uma missão entre eles. Das quatro irmãs que estávamos em Trelew, duas permaneceram e duas fomos para o povoado de Ñorquin-có, uma comunidade indígena localizada ao pé da Cordilheira dos Andes, com a montanha de um lado e o deserto gelado do outro.

Os indígenas desta região pertencem à etnia Mapuche e estão divididos em várias comunidades. Um povo de pastores que caminham com seus rebanhos entre o deserto e a montanha e que, embalados pelo clima, vão definindo o melhor lugar para estar com sua família e seus animais. Todo o estranhamento que eu havia sentido ao pisar pela primeira vez em terras argentinas agora em Ñorquin-có se repetia e era ainda mais intenso. Foi uma experiência profunda de Deus, mas de um Deus encarnado, invocado por outros nomes (Neguechen, Futa Chao), narrado por outros povos e que se manifesta de outras formas. Os Mapuche me mostraram que não somente Deus está dentro de nós, mas nós estamos dentro dele, mergulhados e mergulhadas em seu Mistério. Aprendi que a fala não é a única forma de comunicação, talvez nem sequer a mais importante. Entendi o valor da presença, do *estar com*, de trocar mates e mais mates em silêncio, como se a cada cuia a vida daqueles que estão na roda fosse se trançando e misturando, assim como as mãos hábeis da artesã indígena trançam no tear os fios quentes de lã, generosamente cedidos pelo rebanho. Disseram-me, com gestos e palavras, que a missão consistia apenas em ser *moradora do lugar*, assumindo as implicâncias e responsabilidades que essa decisão traz consigo.

Muitas vezes, nas longas viagens pelo deserto, apreciava a paisagem ora árida, ora embranquecida pela geada e pela neve, e me vinha à mente a pergunta de Jesus às multidões: “Que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Um homem vestido com roupas finas? Que fostes ver?” (Mt 11,7). E a cada encontro com aquela população tão simples e pobre, eu recebia a resposta que ainda hoje me alimenta: “E isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido, envolto em faixas e deitado numa manjedoura” (Lc 2,12). Desde então, sempre que

me pergunto onde está Deus, sempre que desejo reconhecê-lo, penso no sinal: um menino, faixas, manjedoura. Esta foi a grande lição do deserto. Deus se manifesta na pobreza, na inocência e na surpresa. O Mistério se encontra misturado aos mistérios dos povos, a Palavra é pronunciada nas palavras e nos silêncios das gentes.

Hoje, agradeço profundamente ao Senhor por haver-me permitido estar entre os Mapuche, em meu tempo de formação inicial. A Vida Consagrada na qual acredito é aquela que os indígenas me mostraram: a que busca o “menino” do deserto, o Deus encarnado entre os empobrecidos. Este, para mim, é o lugar teológico, social e também geográfico ao qual a Vida Religiosa é chamada. Como diz a canção feita para a celebração dos cinquenta anos da Conferência da Vida Religiosa da Argentina (CONFAR):

En este tiempo de tanta oferta, con mil promesas de nuevos cielos, hay convicciones que no se entregan porque nacieron de los desiertos.

Y te seguimos Jesús hermano tan despojado como una ofrenda, en el camino de hacerse humanos junto a los pobres de nuestra tierra (Magda).

Um dos principais aspectos de uma espiritualidade encarnada é a capacidade de escutar, de despojar-se, de *tirar as sandálias* e reconhecer que é sagrado o chão onde se pisa, são sagradas as pessoas que nele habitam. O exercício de *aprender de novo*, de *descer* em sentido sociocultural e caminhar junto é fundamental na dinâmica do seguimento. Foi essa a ordem do Espírito a Pedro, quando chegaram os enviados de Cornélio: “Levanta-te, desce e vai com eles sem hesitar, porque fui eu que os mandei” (At 10,20). É assim que o Espírito age para formar discípulos e discípulas de Jesus.

Vejo que para uma experiência produzir bons frutos é necessário descalçar-se, ter os pés firmes no chão da realidade, desnudar-se e esvaziar-se para encher-se do novo. Estar com os ouvidos atentos para escutar o que o Senhor quer nos revelar a cada manhã (cf. Is 50,4-5). E ter o tempo como amigo, para

que ele vá preenchendo e dando vida a cada momento vivido e, assim, recomeçar a cada novo amanhecer (Najila).

A Palavra de Deus é fonte de espiritualidade,⁸ desde que misturada à vida, como húmus na terra e sal no alimento. Palavra pronunciada hoje, por um Deus muito próximo, um amigo fiel e companheiro inseparável do seu povo, nas duras batalhas do seu cotidiano. Então essa Palavra se torna capaz de fortalecer as mãos cansadas, firmar os joelhos frágeis, revigorar os corações desanimados, suscitar confiança e alegria (cf. Is 35,1-4).

Como a maior parte de minha Vida Religiosa tenho vivido em Angola, desafiada por muitas situações – guerra, pobreza, ausência de recursos mínimos de sobrevivência, insegurança, violência urbana e tantas outras – o exercício de confiança no Deus da Vida é constante. Sempre encontrei força na Palavra de Deus que diz: “O Senhor é minha luz e fortaleza, é o protetor de minha vida. Não preciso temer!” (cf. Sl 27[26] e 91[90]) (Sílvia).

Vários foram os textos bíblicos que me acompanharam e me ajudaram nessa experiência, mas destaco Jr 18,6: “Pois como o barro na mão do oleiro, assim estai vós em minha mão, casa de Israel”. Era assim que eu me via: nas mãos do oleiro, principalmente quando a realidade era mais desoladora. Mesmo assim, sentia que nós não estávamos sozinhas, mas que um Amigo amoroso, verdadeiro, fiel, o mesmo que caminhou com o seu povo no deserto, que ouviu o clamor e os gritos de dor do seu povo, caminhava conosco. Assim, pude ver e contemplar a grande Galileia para onde Deus me enviou e perceber quantas pessoas estão à margem, à mercê do nada, lutando para sobreviver (Najila).

Tive a oportunidade de descer, de verdade, ao submundo dos pobres. Fui até aqueles que muito pouco têm, além da esperança, e descobri o que é ser útil simplesmente por *estar lá*. Senti que o povo compreende muito bem a nossa presença, não espera que façamos nada, além de estar junto *como presença de Deus*. Muitas vezes meditei sobre a passagem bíblica de Is 69,1-9, especialmente o v. 6b: “Quero fazer de ti uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra”. Isso dava sentido ao dia a dia naquela realidade (Elizabete).

8. Cf. *Dap*, n. 179.

Conclusão: é hora de arriscar!

As provocações de Joan Chittister, feitas há mais de dez anos, ainda são verdadeiras. Ela diz que a Vida Religiosa está resignada demais com o decreto de morte que pesa sobre ela. Não está percebendo que sob as cinzas há brasas que podem reacender o fogo. Diz também que os jovens são considerados como pertencentes a uma geração conservadora, quando, na verdade, as circunstâncias os levam a se acomodar. As Congregações não os desafiam a caminhar com os próprios pés e abrir novas veredas, mas os orientam a avançar cuidadosamente por vias já conhecidas, sem constituir nenhum tipo de ameaça.⁹

O que hoje se exige da Vida Religiosa – continua a autorra – não é a virtude da prudência, mas a coragem de correr riscos, incluindo a insegurança e a possibilidade de não se ter êxito na primeira tentativa. Essa convocação não é só para cada pessoa, mas para a própria instituição.

Em nossos dias, uma Congregação que aceita correr riscos torna-se digna dos profetas e profetisas de sua origem e surgidos ao longo de sua história, e um exemplo vivo para os filhos e filhas gerados hoje, em sua velhice.¹⁰

Não menos sugestiva é a instrução *Partir de Cristo*, quando fala que a redução em número provoca a Vida Consagrada a buscar maior qualidade e a reencontrar seu verdadeiro sentido no mundo de hoje. O fato de se tornar um *pequeno rebanho* pode ser lido como um *signal providencial* que interpela a Vida Religiosa a ser fermento e profecia.

Quanto maior se apresentar a massa a levedar, tanto mais rico em qualidade deverá ser o fermento evangélico, e tanto mais refinados o testemunho de vida e o serviço carismático das pessoas consagradas.¹¹

Sendo assim, não é demais estimular os(as) jovens a que assumam com radicalidade o seguimento de Jesus, respondendo a uma vocação que talvez vá muito além das moti-

9. CHITTISTER, Joan. *Fogo sob as cinzas*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 50 e 72.

10. *Ibid.*, p. 78.

11. CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Partir de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2002. n. 13, p. 28. (Coleção Documentos da Igreja, n. 9.)

vações que os moveram a entrar naquele Instituto. Em contrapartida, é imperativo oportunizar uma formação onde a proposta se torne visível e palpável, onde o sonho se faça possível. Uma formação *caracterizada por intensas experiências*, capazes de levar a *decisões corajosas*.¹² É a formação de hoje que vai garantir a Vida Religiosa de amanhã.

A partir da experiência que estou fazendo, posso afirmar que, se nossas Congregações tiverem a coragem e a ousadia de enviar as jovens a realidades de extrema pobreza, de contato direto com a dor, com a luta pela sobrevivência e até mesmo com a “irmã morte”, seguramente terão irmãs mais convictas de sua vocação, mais humanizadas, radicais na opção pelos pobres e irmãs do povo, enfim, mais autênticas na vivência do Evangelho. Em consequência, teremos uma Vida Religiosa mais pobre, mais profética e missionária (Cláudia).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Você percebe que em sua Província/Congregação as(os) jovens têm oportunidade de concretizar seus sonhos desde o início da caminhada? Como isso acontece?
2. Levando em conta o carisma de sua Congregação, que experiências formativas dão mais clareza ao projeto e confirmam a vocação de quem ingressa, hoje, na Vida Religiosa?
3. Em que sentido podemos dizer, com toda propriedade, que os pobres e excluídos são nossos “formadores”?
4. Que nos sugerem as provocações de Joan Chittister e da instrução *Partir de Cristo* mencionadas na conclusão?

CARMEM LUSSI*

Introdução

A questão da identidade à luz da teologia é entendida a partir da criação do homem e da mulher como participação no amor trinitário, no horizonte da fé, que sublinha e explicita a verdade sobre a pessoa humana e, assim, revela a convivência e a alteridade dentro do contexto da relação dialógica entre Deus e a humanidade. Não um Deus genérico ou divindade percebida no sentido da religiosidade natural, mas no quadro da história da salvação, no qual o Deus de Jesus Cristo revela o amor como realidade única que fundamenta a dignidade humana, sua relação ao outro e ao Outro. É essa mesma realidade, de uma primazia do amor de Deus que vem ao encontro da criatura humana, que realiza, antecipando para toda a humanidade, o encontro como âmbito da revelação e da construção da identidade.

A origem de toda identidade está na relação filial com Deus, fonte e origem da identidade da pessoa humana, enquanto criatura, pela qual o homem e a mulher se identificam e se relacionam, não somente com ele, mas com todas as formas de alteridade. À luz desta primeira relação fundante, a humanidade estabelece a relação sororal/fraterna que é a construção da convivência na alteridade, na lógica do Reino. Deus, que “nos amou primeiro”, chama à identificação com Cristo os que foram batizados no seu nome. A VR, na história, sempre teve uma certa tendência a querer se identificar com a configuração – por excelência – “ao modelo de vida que Jesus mesmo escolheu para si”. Nesse sentido, a identificação carismática entra para compor essa

* **Carmem Lussi** é mestre em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbana de Roma. Atualmente, é doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Endereço da autora:** Rua Cândido de Oliveira, 93, casa 1, apto. 101, Rio Comprido, CEP 20261-220, Rio de Janeiro-RJ. Email: eukarizando@yahoo.com.br.

visão, qualificando-a. Dessa identidade, fundadoras(es) e santas(os) de uma família religiosa são ícones que representam a todas(os) e modelos a ser imitados.

O presente artigo, partindo do caráter dinâmico da identidade em geral, portanto também na Vida Religiosa, debate sobre a qualidade e a configuração dos processos nos quais as pessoas e os grupos negociam os êxitos de tal dinamismo. Entendida primariamente como um fenômeno complexo, mas profundamente positivo, antropológica e teologicamente, a construção da identidade na Vida Religiosa pode ser um lugar de amadurecimento e de realização, seja espiritual, seja humano-profissional. A gestão dos processos é determinante para o resultado final.

A construção da identidade em alguns autores contemporâneos

As perspectivas essencialistas sobre a identidade (com o foco no passado) têm uma visão fixa e imutável da identidade e sugerem que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características partilhadas por todos os membros de um sujeito coletivo e não alterada ao longo do tempo. As perspectivas não essencialistas se caracterizam pela flexibilidade e abertura ao dinamismo identitário. A missão salva religiosos e religiosas da visão essencialista da identidade, que facilmente perde o componente fundamental das relações e da configuração que o Espírito vai operando no tempo, tanto nas pessoas quanto nas Instituições.

Podemos, então, nos perguntar: qual é o papel do passado e do mito fundacional na configuração da identidade contemporânea? A estudiosa Kathryn Woodward sugere uma resposta à interrogação: “Mesmo que o passado reconstruído pelas identidades atuais que reconstroem seja... apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza, fluidez e crescente incerteza”.¹ Trata-se do processo sempre inacabado para recuperar e reescrever a história e o ato fundacional inspirador no hoje em que a Vida Religiosa vai realizando sua missão. A identidade é uma questão tanto de “tornar-se”

1. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 25 e 28.

quanto de “ser”. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-lo, nós o reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação.

Manuel Castells considera a identidade como um “processo de construção de significado” e as diferentes identidades como fontes de significado. Ele afirma que

toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito ao como, a partir do que, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história... pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizaram seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.²

O desafio, hoje, é como integrar as manifestações de resistência às formas prevalentes de construção da identidade coletiva dentro de processos espiritualmente fecundos, que não rejeitam o diferente, mas escutam quem vive tal diversidade em sua vida, para acolher e integrar todos(as) nos processos identitários presentes em uma Instituição.

A identidade é alteridade, diferença e também relação.³ É perante o outro que a identidade se afirma. É perante a presença do diferente que se toma consciência da própria identidade. A identidade é fruto de uma interação, que abre possibilidade de diferentes identidades em um mesmo grupo e, neste, se reconhece a intrínseca complexidade como condição de existência. Neste sentido, pode-se afirmar que a identidade é um fenômeno dinâmico, ela pode mudar ao longo do tempo.

A identidade tem a ver com o passado, o presente e o futuro. É uma herança que vai se construindo como um projeto para o futuro [...] Da mesma forma que a identidade é formada pela interação entre o eu e a sociedade, onde há uma troca entre o que

2. Cf. CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 22-27.

3. Cf. MAALOUF, Amin. *L'identità*. Milano: Bompiani, 2005. p. 44-45.

está fora e o que está dentro, a identidade do grupo está em relação com a identidade individual de seus membros, e vice-versa.⁴

Identidade individual ou institucional? Como falar de identidade coletiva?

Para esclarecer o conceito de identidade coletiva aqui adotado, referimo-nos a uma “organização coerente, síntese em uma totalidade compreensiva de elementos abordados a partir de referenciais materiais, físicos, históricos, psicológicos, culturais e sociais, em uma visão *a priori* da ‘realidade social total’”.⁵ Assim, considera-se a identidade de um grupo como uma

unidade coletiva real, mas parcial, diretamente observável e baseada em atitudes coletivas, continuadas e ativas, tendo uma obra comum a cumprir, unidade de atitudes, obras e condutas, que constitui um quadro social estruturado, o qual busca uma coesão relativa de manifestação da sociabilidade. [...] A identidade comunitária, que é, antes de tudo, participação afetiva em uma entidade coletiva, é um pilar constante em todas as identidades; fundamenta os sentimentos de identidade, a saber, através dos sentimentos de pertença, de valor e de confiança.⁶

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.⁷ A estrutura da identidade é uma estrutura aberta, portanto facilmente marcada por diferenças e transformações. Tal dinamismo não é sinal de fragilidade, mas de capacidade de valorizar o melhor e o enriquecedor dos encontros, relações e eventos que interpelam as identidades. Resta a interrogação: as estruturas da Vida Religiosa contemporâneas são abertas? Quais os elementos que as articulam de modo a manterem-se estruturalmente de pé?

A presença de descontinuidade, de fragmentação, de ruptura e de descentralização (multiplicação de centros) não significa falsa identidade nem ausência de identidade coletiva, mas possibilidades abertas pelos efeitos da globalização nas estruturas com identidades estáveis do passado, criando

4. CAMPOS, Tânia Mara de Araújo.

Identidade da renovação carismática católica em Brasília e em Santiago do Chile. Tese de doutorado em Sociologia. Brasília: 2005. p. 31-32.

5. Cf. MUC-CHIELLI, Alex. *L'identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986. p. 8-11 e 22.

6. *Ibid.*, p. 67-68.

7. Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 12-17.

novas identidades, novos sujeitos e a recomposição da estrutura em torno de pontos nodais de articulação.

A crise identitária que há anos se manifesta nos sinais de crise da VR sugere uma retrospectiva: como nasceu e se configurou a identidade que as Instituições religiosas hoje mantêm e até gostariam de transmitir às novas gerações? Quais elementos preexistentes determinaram tais identidades? Quais os novos elementos que são desafios hoje e pedem para ser integrados a fim de não quebrar o existente, cada vez mais frágil?

Identidade monolítica ou complexa: ponto de não retorno

Deus não se contradiz. Essa consciência nem sempre acompanhou a VR em seu longo percurso de redescoberta e significação do carisma de fundação nos últimos cinquenta anos. Chegou-se a acreditar que os dons individuais poderiam ser incompatíveis com o carisma. Todavia, em toda a história da Igreja, além de dar dons à comunidade, o Senhor dá dons a pessoas concretas para que ajudem a comunidade a não estagnar, a não desviar do caminho nem a estacionar nas colinas maravilhosas das conquistas merecidas. Sempre mais emerge que a identidade é algo de complexo e que pode conter, em seu seio, também rostos e ações que a purificam e desafiam a crescer e traduzir, para cada tempo e lugar, sempre de novo, a característica identitária do mito fundador.

Quando a comunidade cai, entra em crise, é que se inventa a identidade. Os estudiosos de Teologia da VR escrevem que somente depois que os fundadores morrem é possível para um Instituto falar de sua identidade. O que emerge é uma concepção de “identidade como uma construção cultural, um processo aberto ao encontro, ao intercâmbio, à contaminação”.⁸ Mais do que falar em identidade, dever-se-ia falar de processos de identificação, de uma atividade infinita, sempre incompleta e aberta, à qual todos se dedicam, por necessidade ou por escolha.

8. FUCECCHI, Antonella; NANNI, Antonio.

Identità plurali. Un viaggio alla scoperta dell'io che cambia. Bologna: EMI, 2004. p. 7.

As pessoas e as instituições mudam, suas identidades não reproduzem mais sua origem ou, ao menos, não sobretudo sua origem, e não somente seus traços de origem ou de fundação, no caso de comunidades religiosas. Não é traição, é caminho. É um processo totalmente legítimo, pelo qual pessoas e grupos integram seus passos no caminho que fazem, a memória e os aprendizados do caminho na configuração de quem são, de como são, do que acreditam e do que querem transmitir a seus filhos e filhas.

As mudanças organizacionais

A defesa de uma visão dinâmica de identidade focaliza e assume como intrínseca a ela as mudanças e transformações, seja das pessoas, seja das Instituições a que pertencem. Quando o foco está nas organizações, as mudanças são algo de específico e, normalmente, conflitivo. Os estudiosos falam de resistência à mudança nas organizações. E as Congregações religiosas bem conhecem essa resistência. Todavia a estabilidade total é morte, portanto as mudanças sempre acontecem. Quatro são os componentes que podem mudar: a ação, as pessoas, a estrutura formal, a organização informal ou cultura organizacional. Se a ação mobiliza, se a missionariedade puxa, a Instituição muda. Não são somente as pessoas que atuam no papel de atores de transformação. A missão também é sementeira de novidades na configuração formal e informal da Instituição, e de todos os atores nela implicados: pessoas, Instituição, relações etc. O alto potencial da ação, como motor de transformação identitária e institucional, pode – paradoxalmente – suscitar formas de estagnação nos projetos pastorais, ou o não planejamento, já que pensar é favorecer processos de mudança.

Se a Instituição não muda, morre. Portanto mudanças são relativas à sustentabilidade da Instituição. Todavia a eficiência também explica a necessidade de mudança, pois, se a Instituição não muda, pode não alcançar seus objetivos e invalidaria seus esforços, repetidamente. Mudança institucional significa desencadear crises identitárias, em diferentes níveis, pois toda mudança gera incertezas. Cada mudança

é uma chance e uma diversificação de trajetórias e traços identitários novos inseridos no complexo jogo de negociação de identidade comum.

As pessoas de uma Instituição têm o poder, conjuntamente com o poder de sua ação e suas convicções informais, de pilotar percursos de reconfiguração identitária em nível coletivo e, portanto, promover algum tipo específico de mudança na estrutura organizacional que torne a Instituição porosa para integrar a contribuição de seus membros, de todos estes, na sua configuração formal e informal, nas identidades que a compõem. “Efetuar mudanças na organização depende diretamente da participação dos membros da organização. Participação implica as pessoas se sentirem livres para expressar suas opiniões e receber *feedback* de qualidade, em retorno.”⁹

Traços do dinamismo de uma identidade coletiva

A concepção de identidade aqui promovida impede de acreditar que exista “uma” identidade que seja única ou uniforme para uma grande comunidade, como é característico da VR. Toda identidade é um processo complexo. Pode-se falar de identidade coletiva ou institucional, se a concepção adotada for aberta e flexível, o que permite continuar usando a expressão “identidade X”, seja para os membros, seja para a comunidade em geral, seja para a Instituição. Sem dicotomias nem absolutismos.

Quando um grupo está bem, sente-se forte, majoritário, sobretudo sente-se seguro e em crescimento; então é aberto, flexível, criativo. Quando, todavia, por alguma razão, se sente ameaçado, então transforma sua relação com o diferente e se fecha, torna-se rígido e incapaz de tolerância, dentro e fora dele. As transformações do contexto também determinam a identidade coletiva, como acontece com as identidades individuais. Quando uma das pontas se sente ou está ameaçada, a reciprocidade fica comprometida e se desenvolvem processos autoritários, que se impõem so-

9. CLÁUDIO, V.; PEREZ-FLO-RIANO, Lorena. Transculturalismo e mudança organizacional. In: LIMA, Susana Maria Valle (org). *Mudança organizacional. Teoria e gestão*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 156.

bre quem o permite e sobre quem sofre passivamente, mas também sobre quem contesta e até sobre quem decide não submeter-se à imposição. Esta pode ser uma das explicações da hemorragia de membros que certas Congregações vivem atualmente. Não identificação ou identificação violada. Quais os processos institucionais, decisórios, participativos ou aparentemente participativos da Instituição que indicam traços de rigidez ligados à insegurança que vivemos, pela qual a (nossa) identidade coletiva está influenciada?

Os membros de uma Congregação dão rosto ao carisma que receberam e não somente vice-versa. Assim, atribuem a si mesmos uma identidade. A Instituição plasma seus membros, que por sua vez plasmam a Instituição. Mas o equilíbrio entre os dois movimentos é frágil. Esse tipo de processo acontece diferentemente em cada época e implica todos os atores do seu tempo, mas os implica em modalidades e em tempos diferentes.

Seguem três estratégias de construção identitária na VR, que ajudam a compreender melhor o quanto vem sendo apresentado.

Memória x identificação afetiva com a identidade coletiva: gosto, logo sou

O sentido de pertença à Congregação, bastante valorizado como expressão de participação ao dom carismático, pode ser relido, neste contexto, como a modalidade mais recorrente de alimentar a identificação dos membros com a comunidade e sua identidade histórica. Se, por um lado, o sentido de pertença focaliza a corresponsabilidade para com recursos, projetos, preocupações e sonhos comuns, por outro lado é uma expressão de um sentir comum, pouco capaz de integrar as diferenças, seja na percepção das realidades (recursos, projetos, preocupações e sonhos comuns), seja na possibilidade de questionar formas esclerosadas ou simplesmente estagnadas de organização, de identificação e de ação. O sentido de pertença é o principal canal para a introdução de novas perspectivas de leitura, compreensão e reação aos processos internos de uma Instituição.

A identidade que se constrói na relação tem no sentido de pertença um vínculo fundamental. Em sentido positivo, este vínculo se apresenta como transmissão de herança identitária, mas em um sentido que pode ser também ambíguo é fator que favorece a homogeneização de identidades individuais em uma suposta identidade coletiva maior, que por vezes se apresenta como indiscutível. No âmbito interno, esse tipo de processo oferece muita segurança para os membros, amortiza conflitos etc. Mas a missionariedade, os impulsos e questionamentos que chegam daquele contexto missionário, ao qual esses mesmos membros são enviados para viver sua vocação, sua fé e sua vida, tendem a ficar excluídos dos processos internos, porque são elementos de diversidade que podem ameaçar a identidade comum, apesar de esta provir, de fato, de uma forma ativa do sentido de pertença, em sua versão criativa.

A primeira característica identitária é, portanto, a identificação afetiva, simbolizada no sentido de pertença. Gosto de estar aqui, portanto faço parte desta comunidade, que se identifica neste carisma. A crise de identidade se revela exatamente no aumento de membros que vivem um sentido de pertença sempre mais crítico, fragmentado, fragilizado. Um mal-estar geral que se vai revelando lenta, mas progressivamente. Como ignorá-lo, se seu significado é mesmo “não gosto, logo não sou ou não quero mais ser um(a) com esta suposta identidade comum”?

Memória x responsabilidade pela identidade coletiva: reconheço, logo sou

Estritamente ligado ao sentido de pertença, outra característica que está em crise, interroga e pode iluminar: a participação na identidade, na vida comum, que acontece na forma da responsabilidade, do trabalhar para, do se dedicar por esta “mística entidade” que é o Instituto.

Este elemento identitário se refere ao carisma, ao dom de Deus que funda a comunidade e se revela como fonte inexaurível, seja na dimensão da fé: o Evangelho, seja na dimensão da herança carismática: o mito fundacional. A

identidade é pensada como contiguidade e concretização histórica do dom do Espírito originário e originante do carisma. Tal identificação dos membros com a identidade carismática institucional acontece tanto mais quanto maior é a consciência que vem do alto, é recebida como dom para se transformar em serviço e tomar forma na proporção da flexibilidade, da abertura e da dinamicidade que uma identidade viva comporta. Reconheço este dom em mim e o assumo responsabilmente, com prioridade e como obediência na fé. Por isso me identifico com quantos(as) também o reconhecem.

A fragmentação e o pluralismo de valores no contexto do individualismo e do relativismo podem transformar a *re*-configuração identitária em superficial processo de vulnerabilização e descaracterização. Tal ameaça pode suscitar resistências e até rejeição das contribuições individuais na construção identitária comum, mesmo de membros imbuídos de carisma. A lógica da fé e da vocação sugerem que “a relação com a verdade conduz a uma consciência de objetividade e alteridade que são indicadoras de algo além do que a pessoa sozinha pode inventar, mas somente descobrir como dom que vem de outros, de um Outro”.¹⁰ De Deus. E dos santos e santas que o receberam primeiro. Portanto, cada membro, individualmente, pode receber inspiração e amadurecer a experiência de como a identidade coletiva pode e deve se configurar para ser fiel, no hoje e no aqui da vivência carismática.

Cada um de nós é depositário de dois legados: um “vertical”, que recebe de seus antepassados, das tradições de seu povo, de sua comunidade religiosa; o outro, “horizontal”, que recebe de seu tempo, de seus contemporâneos. É este último, parece-me, o mais determinante, e se torna ainda mais relevante atualmente, apesar de esta realidade não se refletir em nossa percepção de nós mesmos. [...] Não se trata de negar a influência, até decisiva, de nosso legado “vertical”. Trata-se, sobretudo, a este ponto, de sublinhar o fato de que existe um abismo entre aquilo que somos e aquilo que acreditamos ser.¹¹

10. DOTOLO, Carmelo. *Ermeneutica filosofica del pluralismo e processi di globalizzazione*. In: DOTOLO, Carmelo (a cura di). *Pluralismo e missione. Sfide e opportunità*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2005. p. 37.

11. MAALOUF, *L'identità...*, p. 97-98.

Memória x compromisso pela identidade coletiva: me engajo e acredito, logo sou

Comprometo-me nesta Casa e nesta causa, dou minha vida, minhas energias, meus ideais, meus bens para que a missão se realize e se alcancem os objetivos pelos quais estamos nos tornando quem somos e o que queremos que sejam alcançados, logo sou parte e marco com minha diferença esta identidade que, portanto, tem (deveria ter) minha singularidade em alguns de seus traços. Ou eu não seria parte dela.

O compromisso com o projeto coletivo é igual para todos os membros, novos e velhos, gregos ou judeus. As modalidades, os símbolos, os lugares, os idiomas, diversificam. Se tudo é tão diferente, que é que identifica a todos? Um dos traços é exatamente o compromisso, à luz da memória da herança carismática: nem a memória nem o compromisso somente, mas o compromisso com o qual hoje é assumida a memória. Que nos faz duvidar de que o compromisso do(a) fundador(a) era fidelidade e o da minha(meu) coirmã(ão), com quem eu não concordo, não é fidelidade? E a fidelidade da Congregação, qual seria se não a multiplicação (e não soma matemática) das fidelidades de seus membros? Qual o papel das identidades culturais, linguísticas, geracionais das novas gerações na formação da identidade ou cultura coletiva atual de cada Congregação?

No espaço interno da gestão dos processos de mudança e formatação institucional, nem a todos os membros é dada voz e efetiva possibilidade de participação. Não se pode pedir a algum membro de um Instituto religioso para renegar a si próprio(a), a seus valores, à forma de sua fé e da vocação que vive para poder ficar dentro da comunidade, nem mesmo somente para se sentir parte dela, efetivamente. O futuro sonhado não é uma maratona de revezamento, na qual do primeiro até o último todos sabem (e concordam com a meta) onde, exatamente, se deve chegar e qual o modo mais rápido ou mais seguro de garantir o alcance do objetivo. Se, por um lado, não é verdade que o mito fundacional é algo estático a ser transmitido de geração a geração, assim também a meta é algo a ser buscado junto, pois, a cada

etapa do caminho, a visão do topo da montanha muda, e os conflitos, os obstáculos e as fontes de água refrescante mudam de lugar, de qualidade e de proximidade em relação aos caminhantes. O “acredito, logo sou” é a marca da esperança cristã.

Questões nodais e perspectivas

Traços identitários individuais e coletivos: conflitos permanentes

Os conflitos no processo de negociação e/ou definição da identidade “religiosa” revelam o quanto a identidade é uma relação, o que “significa que sua definição está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas [a identidade e a diferença] não são simplesmente definidas; elas são impostas”.¹² Isto é o que se dá na formação inicial, normalmente, mas não é somente aí que esses conflitos acontecem. Faz-se necessário saber conviver com processos abertos, com identidades não definitivamente definidas e com conflitos causados por afirmações diferentes, não de elementos e características superficiais e periféricas, mas sobre a identidade como um todo. Nesses processos, existem formas hierarquizadas de relação e de definição. O que pode acontecer é que membros, experiências, nuances identitárias (e carismáticas) possam ser anuladas pela exclusão no percurso de consolidação de uma identidade essencialista. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que incluir e o que excluir, não necessariamente fisicamente. Pode acontecer que algumas pessoas, características e processos são incluídos e outros ficam (sempre) fora.

A negociação identitária é um processo no qual os membros que compõem um grupo ou identidade coletiva trabalham e negociam a constituição de uma identidade. É também um ato de poder, “pois, se uma identidade consegue se afirmar, é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça”.¹³ A afirmação indica um dos processos mais importantes na construção da identidade: a negociação e a constante relação, nem sempre sem conflitos, com a diferença. A discussão

12. SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 81.

13. LACLAU. 1990. p. 33. Citado por HALL, Quem precisa..., p. 110.

sobre a identidade, além de ser diretamente sintomática da existência de crise, é sempre um resultado de afirmação de algo a respeito de uma diferença. Essas afirmações dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades, normalmente anuladas ou mantidas em silêncio na hora da disputa. O que se deve refletir é sobre quais são as diferenças negadas para a afirmação da identidade que é assumida como específica e transmitida até mesmo como “identidade oficial”. Ontem e hoje.

Diferenças geracionais: tensão nem sempre salutar entre meta e origem

Os conflitos geracionais existem, dentro e fora da comunidade religiosa, na reza e na ordem da Casa, no vestir e no sonhar, na interpretação da memória e na ação missionária. Só para citar alguns âmbitos, sugerindo que em todos esses e nos demais não citados, também, interfere uma questão geracional que facilita, enriquece ou fragiliza, tanto a identidade quanto a relação.

Os processos identitários e os conflitos a estes relacionados podem ter origem e finalidade muito diferentes, ligadas sobretudo a questões de poder. E disto a VR não é isenta. Lesser¹⁴ indica a diferença de geração como uma via preferencial ou privilegiada de solução dos impasses. Os veteranos e os mais jovens definem suas identidades de formas diferentes. Enquanto uns se estabilizam em referentes situados mais no passado, os mais jovens integram identidades complexas, nas quais as referências ao passado não têm mais peso do que as referências ao presente e às vivências contemporâneas. Se a geração adulta de hoje – que decide sobre a configuração identitária do grupo – não consegue integrar as reivindicações, os sonhos e as identidades jovens na gestão dos projetos, dos sonhos e até do dinheiro, as gerações jovens não reconhecerão a si mesmas nestas Instituições quando se tornarem adultas, portanto poderão excluir, da herança recebida, traços fundamentais de uma identidade que se reconfigurou no tempo, sem incluí-las. Esse pode se tornar um círculo vicioso. Em uma organização congregada não

14. Cf. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Unesp, 2000.

por afinidades, mas por pertença carismática, a contribuição de todos os elementos nos processos internos e na realização da missão é fundamental para sua sobrevivência.

A identidade não se configura *a priori*, antes da missão

A dimensão apostólica marca de modo singular a identidade na VR. As identidades são construídas, e é precisamente por isso que “nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. De fato, é necessário ampliar o leque de compreensão da questão da identidade na VR como uma identidade *semper formanda*, que supere certas tendências a priorizar a similaridade com base em supostos referenciais históricos estáticos. As identidades na VR parecem “invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.¹⁵

A negociação como processo contínuo de construção de identidade indica também que esta é sempre provisória e determinada por circunstâncias de tempo e de espaço, sobretudo da missão. Portanto, deve ser necessariamente múltipla. Somente formas esclerosadas podem subsistir, temporariamente, como identidades monolíticas.

Conclusão

A identidade é um conceito ambíguo, altamente contestado e provisório, o que nos leva a esperar que também a crise

15. HALL, Quem precisa..., p. 109.

que põe a identidade no centro tenha as mesmas características, sobretudo a última: que passe e deixe espaço a novas possibilidades de construção de história plural e articulada, que não sejam fechadas em si.

Esse processo, já em ato, inclui as perdas que a crise e a história trazem consigo no ato mesmo de acontecerem. Enquanto nos perguntamos sobre nossa identidade e somos desafiadas(os) a dar passos na transformação identitária que a globalização e o Espírito Santo forjam repetidamente, estão acontecendo eventos, escolhas e surpresas, que exprimem e, ao mesmo tempo, formam a nova identidade que sonhamos ou tememos, depende de qual janela observamos a realidade.

A identidade de cada Instituto tem a ver com uma lista talvez infinita de variáveis, que incluem possibilidades e riscos, potencialidades e fragilidades tanto institucionais como individuais. Entre as perspectivas, não se pode deixar de acreditar, esperar e trabalhar para que aconteçam as transformações que a fidelidade criativa, tanto badalada há décadas, vem sugerindo... Se vem de Deus, que a maioria não impeça que aconteça, já que a identidade não exige necessariamente a uniformidade e muito menos exclui diferenças, antes as necessita.

As questões levantadas sobre a identidade na VR nesse artigo atingem um leque amplo e diversificado de temas e perspectivas que se torna impossível apontar para uma única conclusão. Com o objetivo de recolher elementos para a reflexão de um tema tão complexo, a principal conclusão é a evidencia da pertinência do tema e da urgência de que seja sempre mais algo familiar nos espaços de interação onde a VR se interroga sobre si mesma, se configura, se afirma e se abre no serviço.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmund. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FELDMAN-BIANCO, Bela; CAPINHA, Graça. *Identidades*. Estudos de cultura e poder. São Paulo: Hucitec, 2000.

FUCECCHI, Antonella; NANNI, Antonio. *Identità plurali*. Un viaggio alla scoperta dell'Io che cambia. Bologna: EMI, 2004.

GONSÁLEZ SILVA, Santiago Maria (a cura di). *Vita consacrata e multiculturalità*. Milano: Ancora, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MAALOUF, Amin. *L'identità*. Milano: Bompiani, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

O dinamismo da identidade da VR apresentado no artigo indica um modo de viver a vocação na marca da alegria que vem da vivência de uma realização humana, profissional e espiritual de todos os membros da comunidade ou do Instituto.

1. Qual desses níveis necessita maior atenção em minha/nossa situação para que os membros vivam processos de realização vocacional integrado?
2. Sabemos reconhecer sintomas provindos de membros que manifestam o mal-estar de quem não se sente incluído nos processos supostamente vividos pela Instituição?
3. Que podemos fazer para integrar, positivamente, exigências humanas, profissionais e espirituais de membros que vivem a vocação e a missão a partir de perspectivas diferentes das adotadas pela maioria?

Dar fundo no poço. Breve reflexão sobre o Religioso Irmão

DENILSON MARIANO DA SILVA*

Quando se cava um poço e se alcança um bom lençol d'água, é sinal de alegria: "Agora temos água boa e com fartura!". Porém em tempos de grande estiagem e de seca a água diminui, mistura-se com a lama. Quando isso acontece, é preciso "dar fundo no poço". Cavar mais, adentrar no lençol freático. No trabalho de dar fundo no poço, encontramos muitos objetos que caíram ou foram jogados dentro dele, coisas que ficaram esquecidas e que já nem dávamos falta. Dar fundo no poço é uma tarefa difícil, até perigosa: pode-se encontrar laje de pedra, e há também o risco de desmoronamentos. Porém cavar mais fundo é caminho para que possamos continuar a ter aquela água boa dos começos.

Esta imagem do poço nos servirá de suporte para tratarmos da identidade, espiritualidade e missão do *Religioso Irmão* na Igreja e na sociedade. Esta reflexão quer fazer memória do Seminário de Religiosos Irmãos promovidos pela CLAR – Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos(as), que neste ano de 2009 celebra cinquenta anos de fundação. O Seminário aconteceu na cidade de Lima (Peru), de 19 a 21 de março de 2009, animado pelo lema "Todos vocês são irmãos" (Mt 23,8c).

Dar fundo no poço significa descer às origens mais profundas, cavar fundo para buscar as motivações primigênicas, aquelas que deram origem à Vida Religiosa em seu estágio inicial. É ir ao encontro daquele "primeiro amor" (cf. Ap 2,4-5) que não pode ser esquecido nem abandonado. Assim, para falar algo do *Religioso Irmão* de forma pertinente, há de se voltar à origem da Vida Religiosa enquanto tal.

* **Irmão Denilson Mariano da Silva** é religioso sacramentino, membro do Conselho Geral dos Sacramentinos de Nossa Senhora. É mestre em Eclesiologia pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte-MG. Integra o Movimento Boa Nova (<<http://www.mobon.org.br>>) e assessora cursos e encontros. **Endereço do autor:** Praça da Matriz, 38, Caixa Postal 41, CEP 36970-000, Manhumirim-MG. Telefax: (33) 3341-1900. E-mail: marianosdn@yahoo.com.br.

Esta busca pode ajudar a todos nós – aos Religiosos Irmãos, às religiosas irmãs, aos religiosos presbíteros e também aos membros dos Institutos seculares e Ordens Terceiras – a reavivar o específico de nossa Consagração religiosa, clarificando ainda mais nossa missão na Igreja e na sociedade.

Adentrar no “lençol freático” da Vida Religiosa

A Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus marcaram de tal modo a vida dos discípulos e das comunidades cristãs que as fizeram inaugurar um novo modo de viver e conviver. Como bem expressa Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Esta Igreja nascente enfrentou duras perseguições, muitos foram os mártires que deram sua vida por causa do Evangelho. Estavam no mundo como se não fossem do mundo. E, apesar dos problemas internos, conseguiram fazer uma caminhada de verdadeira fraternidade, sempre animados pelo exemplo de vida de Jesus.

Com o Edito de Milão (313), Diocleciano, vendo o enfraquecimento do Império Romano e o insucesso na perseguição aos cristãos, liberou o culto cristão e findou as perseguições. A Igreja saiu das casas e das catacumbas, ganhou templos públicos e grandes igrejas. Ganhou em número de fiéis, mas perdeu a qualidade do testemunho cristão. Ao sentir que a água estava meio suja, alguns cristãos, desejosos de seguir a radicalidade da vida cristã, se afastaram dos povoados e foram viver no deserto. Em protesto ao distanciamento da prática e do ensinamento de Jesus, “fugiam do mundo”, procurando uma forma de seguir a Jesus Cristo mais de perto, através da prática do silêncio, da oração e da caridade. Esta iniciativa que, inicialmente, foi marcada por uma vida mais solitária, depois se organizou em comunidades e, aos poucos, deu origem ao “poço” da Vida Religiosa. Aí era possível encontrar a água limpa da vida a serviço do Evangelho e do Reino.

Esse projeto inicial de consagração ao Senhor era extremamente simples. A “fuga do mundo” era marcada pelo sincero

desejo de viver a aliança do Batismo de uma forma radical, amando a Deus e ao próximo. Era um ato de verdadeiro amor proveniente da descoberta de ser amado por Deus. A vida se convertia numa oferta de amor. Isso dava sentido ao apostolado e à vida de comunidade que se espelhava na vivência dos primeiros cristãos, que tudo partilhavam, de forma que entre eles não havia necessitados (cf. At 4,32-35). Consagração é aquela atitude através da qual, por amor, a pessoa se consagra a Deus de forma livre e gratuita. Assim, tudo o que acontece é contemplado pela ótica do amor radical a Deus e tudo é *re-significado* a partir da vontade e do projeto de Deus. É a partir de tal eixo original de consagração a Deus que devemos buscar a identidade do *Religioso Irmão*.

Objetos esquecidos no fundo do poço

Ao revisitar a história da Vida Religiosa, vemos que, ao período áureo do monaquismo, no qual a vida era marcada pela procura de Deus e pelo serviço aos irmãos, seguiu-se uma forte e progressiva clericalização, a ponto de, no Concílio de Viena, no ano de 1311, ficar estabelecido que todos os monges não impedidos juridicamente deviam receber a ordenação. Não nos cabe aqui fazer todo o percurso histórico, mas essa progressiva clericalização da Vida Religiosa colocou em segundo plano o *Religioso Irmão*. Os “não ordenados” passaram a ser tratados como “coadjutores” dos sacerdotes e hierarquicamente tratados como inferiores. Nesse tempo e na maioria dos casos, ser *Religioso Irmão* não era uma opção por parte da pessoa. Em geral, os superiores é que indicavam entre os candidatos quem seguiria o caminho sacerdotal e quem ficaria como *irmão*. Os que manifestavam certa dificuldade para os estudos, ou já entravam em idade um pouco avançada, eram relegados aos trabalhos práticos e não tinham oportunidade de estudar, como os candidatos religiosos, ao sacerdócio.

Não havia espaço de discernimento nem condições para uma escolha verdadeiramente livre por parte do candidato. Some-se a isso que “a ordenação sacerdotal era vista como obra divina e possuía valor maior que os votos, vistos como

simples obra humana”¹. Isto só começou a mudar com o surgimento dos Institutos formados unicamente de *Religiosos Irmãos*. A partir daí é que a figura do *irmão* começou a ser novamente valorizada. Mesmo assim, ainda é fato que, no conjunto da Vida Religiosa, os *Religiosos Irmãos* representam uma minoria, em alguns casos não são compreendidos em sua opção de vida. Frequentemente são questionados: “por que não se ordenaram?”. Este constante questionamento faz transparecer um sentimento de que lhes falta ainda algo em sua consagração.

Recuperando a água pura

No momento eclesial e social que vivemos, acreditamos que a vida dos *Religiosos Irmãos* exige, novamente, a tarefa de “dar fundo no poço”. Vivemos, ainda, um clima eclesial fortemente clerical, de sensível crise da Vida Religiosa, marcada por grande número de desistências e baixo número de vocações. Some-se a isso os contravalores que embaçam o testemunho cristão de religiosos e religiosas cuja vida se distancia em muito da prática e do ensinamento de Jesus. E, em meio a tudo isso, muitos não entendem nem valorizam a opção de vida do *Religioso Irmão*. Muitas vezes tal opção é abafada por uma pastoral vocacional e uma caminhada formativa ainda direcionadas mais para o ministério clerical do que para a Vida Religiosa enquanto tal.

Assim, dar fundo no poço, buscar as raízes da Vida Religiosa, evidencia que ao *Religioso Irmão* não falta nada: a Vida Religiosa “constitui em si mesma um estado completo de profissão dos conselhos evangélicos”.² E, ainda, o Papa João Paulo II afirmou, em discurso aos *irmãos* em 1980: “Não se pode pensar a Vida Religiosa na Igreja sem a presença desta particular vocação laical...”.³ Fica evidente que a vocação do Religioso Irmão não pode ser compreendida pela contraposição ao sacerdócio ministerial do religioso presbítero, deve, antes, ser compreendida pela acentuação da Vida Religiosa enquanto tal: o seguimento radical a Jesus Cristo, pela vivência da radicalidade de seu Batismo: procura de Deus e serviço aos irmãos.

1. CIARDI, Fábio. A vocação do irmão a partir de uma teologia da vida religiosa. *Convergência* 271, abril, 1994. p. 139.

2. *Perfectae Caritatis*, n. 10. Disponível em: <http://www.vatican.va/archi-ve/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html>.

3. *L'Osservatore Romano*, 2 fev. 1986.

Unicamente o irmão dá um testemunho unívoco do que é a Vida Religiosa. No caso do religioso sacerdote, as pessoas têm a tendência a ver nele o sacerdote e não o religioso. No caso das religiosas, sua Vida Religiosa está manifesta a todos – pelo menos nas atuais disposições da Igreja –, elas não podem pretender ao sacerdócio. O Religioso Irmão é quem, ante as possibilidades que lhe oferecem, escolhe um gênero de vida na Igreja, simplesmente como religioso. Quem deseja compreender o que é a Vida Religiosa... pois bem, que olhem para os irmãos.⁴

O encontro de *irmãos* promovido pela CLAR foi uma oportunidade para dar fundo no poço da vida dos *Religiosos Irmãos* na busca de reencontrar a água pura da consagração da vida ao Senhor e ao seu Reino.

O encontro dos Religiosos Irmãos em Lima

Em três dias de trabalho intenso e alegre, com troca de experiências, exposições, diálogos e discussões em grupos, os *irmãos* se dedicaram a: **ver a realidade** na qual os *religiosos leigos* estão inseridos na Igreja e na sociedade; **julgar** a partir da presença de *Jesus-irmão* e de uma Igreja-comunidade-de-iguais; **agir**, com ternura e vigor, com os olhos bem abertos e os pés bem no chão da realidade latino-americana e caribenha. Em tudo isso, sempre animados por celebrações de fé e vida. Nesse Seminário, evidenciou-se que na vida dos *Religiosos Irmãos* há três dimensões que não se separaram e que exigem um cuidado especial: identidade, espiritualidade e missão.

A **identidade** do *Religioso Irmão* se constrói no diálogo com todos os membros do Povo de Deus, com leigos e leigas, com as irmãs religiosas e com os clérigos. A fraternidade é elemento essencial de seu ser consagrado, ela se inspira em Jesus, que quer uma comunidade de irmãos que vivam o amor mútuo. Assim, na rica diversidade de carismas, culturas, raças, idades e línguas, todos têm em comum o fato de serem seguidores de *Jesus-irmão* e viver esta comum fraternidade no serviço ao Reino de Deus. O decisivo é a qualidade do seu testemunho. Se a vida não é entregue radical a servi-

4. PRADA, Oscar Augusto Elizalde. Presencia carismática del religioso hermano en la Iglesia. Disponível em: <www.lasalle.org.co>, documentos (mimeo). Citando UNIÓN DE SUPERIORES GENERALES. *Hermano en los institutos religiosos laicales*. Roma, 1991. p. 6-7.

ço do Evangelho, o consagrado cai na passividade. Importa notar que a vida do *Religioso Irmão* desperta interesse na medida em que manifesta uma força interior que expressa a Boa-Notícia de Deus: a espiritualidade.

Sua **espiritualidade** nasce de uma relação pessoal com Deus, na qual se percebe o grande dom de ser amado por Deus-Pai e de ser irmão de Jesus. Os *Religiosos Irmãos* são chamados a ser irmãos de Cristo, irmãos entre si, irmãos de todos os seres humanos, “irmãos para uma maior fraternidade na Igreja”.⁵ A Palavra de Deus deve estar no centro de sua caminhada espiritual e faz o *irmão* se encarnar na realidade de pobreza e exclusão, vivendo a compaixão, a ternura e a misericórdia por todos(as) que sofrem. Jesus não apenas se fez humano, ele se fez irmão. Assim, a espiritualidade reconduz à fraternidade, que é dom e tarefa, verdadeiro espaço de humanização que impulsiona a missão de transformar a sociedade com atitudes místico-proféticas. Ter a atitude de Jesus-irmão diante das pessoas: “Que queres que eu te faça” (Mc 10,51).

A **missão** do *Religioso Irmão* é anunciar a Jesus Cristo e seu Reino desde seu ser consagrado, permanecendo presente junto aos mais pobres e excluídos. Ele deve estar atento e marcar presença nas novas fronteiras, nas periferias e nas novas realidades sociais, marcadas pela violência, pobreza, violação dos direitos humanos, falta de educação e saúde, crianças abandonadas, mulheres agredidas e violentadas, com a juventude sem futuro, com os migrantes e a natureza destruída, a fim de promover a dignidade, a justiça e a vida em todas as suas manifestações. Jesus é o irmão maior, por isso não devemos nunca nos esquecer de nos chamar de *irmãos*.

O Seminário de Religiosos Irmãos quis ser algo mais do que “papéis e relatórios”, quis ser um *Kairós*, um tempo de graça que permitisse aos participantes deixar-se conduzir pelo Espírito compartilhando experiências. Esse Seminário representou um grande chamado à continuidade da organização e animação dos *irmãos* em suas conferências nacionais e em seus núcleos regionais, sendo propagadores da experiência vivida em Lima. Representou, ainda, um forte con-

5. *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996. n. 60, p. 117. (Coleção A voz do papa, n. 147.)

vite a revisar a formação inicial e permanente de modo a responder à nossa identidade, espiritualidade e missão de *irmãos religiosos*. E, a longo prazo, outro seminário latino-americano e caribenho para continuar cuidando da Vida Religiosa dos irmãos “para uma maior fraternidade no mundo”.

Bibliografia

- BARDOLET, Jaume Pujol. El futuro de la vida religiosa laical (I). *Vida Religiosa*, Boletín 7 (1987) 195-205.
- BAZARRA, Carlos. Relaciones entre hermanos y clérigos en la vida religiosa. *CLAR IV* (out./dez. 2008) 28-37.
- CIARDI, Fábio. A vocação do irmão a partir de uma teologia da vida religiosa. *Convergência* 271, abril 1994, 135-150.
- JOÃO PAULO II. *Discurso aos irmãos religiosos dos institutos clericais e laicais de Roma*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/january>.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Vida religiosa; discipulado consagrado em missão*. Belo Horizonte: O Lutador, 2009.
- PAULO VI. Decreto *Perfectae caritatis*, sobre a conveniente renovação da vida religiosa. Vaticano, 1965.
- PRADA, Oscar Augusto Elizalde. Presencia carismática del religioso hermano en la Iglesia. Disponível em: <www.lasalle.org.co>, documentos (mimeo).
- NICODEM, Edgar Genuino. Identidad e misión de los religiosos hermanos. *CLAR IV* (out./dez. 2008) 9-17.
- UNIÓN DE SUPERIORES GENERALES. *Hermano en los institutos religiosos laicales*. Roma, 1991. p. 6-7.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Ao olhar para as origens da Vida Religiosa em sua busca de seguimento radical a Jesus, que precisamos rever em nosso modo de ser e agir como religiosos?
2. O trabalho de pastoral e animação vocacional enfatiza mais o religioso presbítero. Por quê?
3. Qual a grande contribuição dos irmãos consagrados para a Vida Religiosa hoje? Dê exemplos.